

*forma, anterior ao sonho e não um produto deste*⁴². A elaboração onírica apresenta uma seqüência lógica diferente da lógica do que se costuma chamar dos processos racionais de pensamento.

A possibilidade de existir formas complexas de pensamento que não tenham uma intervenção da consciência, pode também ser observada na histeria e nas neuroses obsessivas. A função psíquica da *atenção* é que produz a possibilidade do tornar-se consciente. Mas, para onde se desloca o foco da atenção? Freud sugere que podemos produzir seqüências de pensamentos que sofrem um julgamento, alheio à consciência, até o adormecimento. A seqüência de pensamento "desprezada" não recebeu a catexia, e a seqüência de pensamento "suprimida" tem sua catexia retirada. Ambas são abandonadas, enquanto outra, que pode atrair da consciência a atenção para si torna-se foco de uma hipercatexia. As três possibilidades de seqüências de pensamentos surgem no pré-consciente, mas recebem um investimento inconsciente. As transformações produzidas nestas seqüências de pensamentos e que apresentam uma outra lógica, diferente dos processos oníricos normais, podem ser descritas como formações psicopatológicas e, em síntese, são assim descritas:

1) A presença do processo de condensação (ou compressão) nos sonhos, onde as seqüências de pensamentos se aglutinam em função de um único elemento de representação. A lógica da cadeia de pensamentos oníricos remete-se à intensidade do conteúdo ideacional. Por sua significação inconsciente, produz a impressão de estranheza diante da lógica racional da consciência;

⁴² NAT: Grifo do autor

- 2) Os lapsos de linguagem⁴³ ou deslizes na fala que ocorrem quando algo escapa a seleção e à retenção do elemento representacional;
- 3) Os chistes que são associações produzidas em função de uma depreciação do nosso pensamento;
- 4) A presença de pensamentos contraditórios que, combinando-se em condensações, não são admitidos em nossa consciência, mas que podem estar presentes em nossas ações⁴⁴;

Articulando tudo o que foi descrito até esse ponto, Freud destaca a presença de dois processos psíquicos, de natureza diferente, que se encontram presentes no sonho, nos sintomas neuróticos e em nossa vida psíquica: a) um processo de pensamento onírico que produz uma racionalidade própria, correta, de igual valor ao pensamento normal e; b) outro processo de pensamento que trata o primeiro como estranho, incorreto e irracional.

Retomando sua idéia inicial do desejo e sua relação com a atividade primária de satisfação e, da atividade secundária de criar novas formas de expressão para o movimento voluntário, a fim de evitar o desprazer, Freud reafirma que a primeira busca a descarga da excitação, enquanto a segunda visa inibir esta descarga, buscando catexizá-la com outra representação. No caso da atividade primária de satisfação ter sido investida por estímulos perceptivos dolorosos, construir-se-á um aparato defensivo ao desprazer, resultando num abandono da imagem mnêmica dolorosa e na renúncia à percepção correspondente. Essa resposta à recordação dolorosa, corresponde ao primeiro exemplo do recalque psíquico. Na vida psíquica dos adultos, o estranhamento à dor e a evitação do sofrimento são atos que

⁴³ NAT: *Lapsos de linguagem* na ESB e *deslizes na fala* na EA.

⁴⁴ NAT: Movimentos denominados de *parapraxias*.

permanecem como traços dessa experiência primitiva. Aos dois processos psíquicos descritos, Freud passaria a denominar de processo primário e processo secundário, respectivamente.

O processo secundário está investido em representações que possam inibir o desprazer que uma idéia venha a produzir, a partir do momento em que recebe esta informação. Está investido de uma busca de identidade de pensamento e não é capaz de anular o primário, mas tenta submetê-lo, sempre em função da evitação do desprazer. Os pensamentos estão investidos dessas lembranças primitivas e têm a função de regular suas intensidades. Contudo, nem sempre conseguem cumprir esse objetivo de forma completa, na medida em que nosso pensar está sempre exposto à falsificação, em virtude das interferências do princípio do desprazer.

O processo primário, assim designado por Freud, por ser o primeiro a se formar, numa perspectiva ontogenética, está presente desde o início da vida, enquanto o secundário vai se inscrevendo no decorrer do desenvolvimento. Os desejos inconscientes do processo primário permanecem investidos de sua tendência à descarga de excitação e à expressão motora, incluindo a fala. O processo secundário visa a inibir e a redirecionar esses conteúdos inconscientes, transformando-os, buscando harmonizá-los e direcionando-os para fins mais adequados.

O recalque, tal como visto, é um produto da transformação de afeto, na medida em que os desejos originários não podem ser destruídos, nem inibidos. Os impulsos de desejos sexuais de origem infantil que sofreram recalque durante o processo de desenvolvimento são

revividos num período posterior e proporcionam as forças pulsionais para todas as formações dos sintomas psiconeuróticos. Revolucionando todo o conceito de doença psíquica, Freud constata que o funcionamento dos sonhos expõe toda a fragilidade do ser humano, no sentido em que todos estão submetidos a essa forma de funcionamento do aparelho mental. O sonho não é um produto patológico e revela a divisão do processo psíquico em todas as pessoas, com seus conteúdos suprimidos. Aqui, pode ser inaugurada a concepção da universalidade da neurose e, até então, a inabalável crença de uma "normalidade psíquica".

Freud encaminha suas teorias sobre o aparelho psíquico, sempre lembrando serem estas uma busca para compreender seu funcionamento e que seus pensamentos, representações e produtos psíquicos não têm localização em elementos orgânicos dentro do sistema nervoso, mas sim entre eles.

Invertendo a lógica da razão consciente, Freud afirma ser o inconsciente uma esfera maior que inclui uma menor que é a consciência. O conteúdo do consciente foi, anteriormente, inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nesse estágio, além de reivindicar o valor pleno de uma operação psíquica.

Corroborando, em 1914⁴⁵, às idéias de Du Prel⁴⁶, Freud vem afirmar que o psíquico e a consciência não são idênticos. O conceito de psiquismo é mais amplo que o da consciência.

Diante desses pressupostos e, em especial, de que o efeito consciente é apenas uma remota

⁴⁵ NAT: Nota de rodapé ao artigo " (F) *Lo inconciente y la conciencia. La realidad*"(EA, 1901/2005:599/600).

⁴⁶ Du Prel, C. (1885) *Die Philosophie derMystik*, Leipzig.

repercussão psíquica do processo inconsciente e que este último se acha sempre presente e funcionando de forma a não ser conhecido pela consciência, Freud define que:

"O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, e nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior; e nos é apresentado pelos dados da consciência de forma tão incompleta como o mundo exterior pelas comunicações de nossos órgãos dos sentidos" (EA, 1900-01/2005:600)

Com esta formulação, estabelece a existência de uma realidade psíquica inconsciente. Aquilo que até então produzia espanto nos sonhos e que buscava a causa no próprio sonhar, passa a ser compreendida como operações de fantasias inconscientes, provavelmente de origem sexual e que encontram correlatos nas fobias histéricas e em outros sintomas. Um dos enigmas da criação intelectual e artística que tendemos atribuir à consciência, muitas vezes, é prenunciado ou até mesmo produzido no sonho, ou em outras, irrompe como um todo quase pronto.

A existência de duas espécies de inconscientes é assim definida: a) um inconsciente que é inadmissível à consciência e; b) um outro chamado de pré-consciente, cujas excitações são capazes de atingir a consciência. O sistema pré-consciente situa-se como uma tela entre o sistema inconsciente e a consciência (EA, 1900-01/2005:602). A consciência, pois, para Freud, ocupa um lugar menor, ou seja, "apenas o de um órgão dos sentidos para a percepção das qualidades psíquicas" (ibid:654).

Freud apresenta a idéia de uma fantasia que irrompe na consciência, de uma forma inocente, por ter conseguido lograr a censura no pré-consciente. Seriam as situações em que os indivíduos relatam queixas tão explícitas em seu conteúdo sexual, mas que não

estabelecem essa associação. Se assim o fizessem, talvez não a pronunciassem. Nesse sentido, a fantasia volta a expressar sempre uma referência a um conteúdo sexual, e uma pergunta se impõe: "Por acaso os impulsos inconscientes que o sonho manifesta não possui o valor de forças reais na vida psíquica?" (EA,1900-01/2005: 607).

Esse limite entre a realidade psíquica e a realidade material só foi explicitada por Freud quatorze anos depois da publicação da *Interpretação dos Sonhos*. A realidade psíquica é uma forma especial de existência vinculada aos desejos inconscientes em sua mais verdadeira expressão. A realidade material não é esclarecida no texto. Contudo, parece não se referir a uma idéia anterior de Freud, opondo *realidade do pensamento* e *realidade externa*, descrita no *Projeto para uma psicologia científica*⁴⁷.

Quanto ao conteúdo ético dos sonhos e sua relação com a fantasia, Freud afirma que, quanto mais e melhor for esclarecida a relação entre o inconsciente e a consciência, mais pueris parecerão os motivos que nos levam a considerá-los eticamente objetáveis e imorais. Em relação à previsibilidade dos sonhos, há que se retomar a premissa da realização de desejos. Nesse sentido, desejar aponta para algo no futuro, contudo trabalhando com uma estratégia apreendida pelo conhecimento do passado. A análise dos sonhos revela as fantasias de desejo que apontam para repetições e versões refundidas das cenas infantis.

A função do simbolismo nos sonhos merece uma breve análise, a partir das contribuições feitas em 1911⁴⁸. De um rechaço inicial até a aceitação de que certos símbolos oníricos

⁴⁷ NAT: Artigo de 1895 e que só foi publicado em 1950.

⁴⁸ NAT: Tópico XII acrescido em 1911 ao artigo "*Sobre os sonhos*" (EA,1901/2005:664/665).

podem ser considerados como universais - símbolos das coisas que representam ou substituem - Freud revê essa forma de linguagem, atento, porém, para não cair na interpretação dos símbolos dos povos da Antiguidade. Em princípio, aqueles que sonham não se dão conta de tal simbolismo particular, o que mantém o caráter enigmático do sonho. Contudo, Freud reconhece em alguns símbolos, um significado universalmente unívoco, tais como rei e rainha para pai e mãe, objetos pontiagudos para o órgão genital masculino e caixas e armários para o útero. Mas todos esses símbolos têm que ser interpretados dentro de cada contexto.

O simbolismo onírico é uma característica que está para além do sonho, na medida em que influencia a representação nos contos de fadas, mitos, lendas, chistes, no folclore e estabelece uma conexão íntima entre ambas. Ele não é constituído pelo trabalho do sonho, mas, muito provavelmente, vinculado ao pensamento inconsciente, é capaz de fornecer material para a condensação, o deslocamento e a dramatização.

Analisando o conjunto de idéias que se conflitam nos processos psíquicos e aos quais denominava de círculos de pensamento, Freud (EA.1901/2004:110), por influência de Jung, passa a denominá-las, a partir de 1907, de "complexos"⁴⁹. Esse termo será utilizado até o fim de sua obra, sendo que a noção de complexo como um conjunto de idéias e afetos que entram em conflito no psiquismo, não parece ter sido sempre compreendida dessa forma. Muitas vezes, influenciados pela denominação do complexo de Édipo, essa noção parece ter sido compreendida mais como um arranjo identificatório padronizado e uniforme do que

⁴⁹ NAT: Nota do tradutor James Strachey acrescida ao presente artigo.

uma construção que revela as múltiplas forças que se embatem no psiquismo. Sob essa dimensão dos complexos, Freud reafirma a tendência do pensamento consciente em interpretar como estranho e opostas as idéias inconscientes. E reconhece que um Eu da consciência desconhece o Eu inconsciente. O substrato dessas lembranças/idéias conscientes e inconscientes, já poderiam ser compreendidos como uma das funções da fantasia.

Lembranças encobridoras, memória e esquecimento

O termo "lembranças encobridoras" é constituído por Freud (EA. 1901-1904/2004a) para poder compreender a relação entre as lembranças que os adultos têm da própria infância e as vivências e impressões primitivas mais significativas e plenas de afetos a elas associadas. Essas lembranças indiferentes, como um dos processos de deslocamento, representam por meio de associação um outro conteúdo que é impedido de se manifestar ou de ser lembrado por meio do processo de recalque. Como o funcionamento da memória é submetido não somente aos processos conscientes, mas também aos inconscientes, muitos traços mnêmicos podem estar relacionados a essas lembranças encobridoras, ocultando um outro conteúdo mnêmico submetido a resistências. Em síntese, a lembrança evocada de um evento de forte conteúdo afetivo da infância pode sofrer um deslocamento por associação, em função da resistência imposta a essa lembrança originária, gerando uma nova lembrança, modificada e de aspecto indiferente que persiste nessa outra memória. Duas memórias podem ser descritas: a memória das impressões primitivas e a memória das lembranças a elas relacionadas e distorcidas em sua representação por meio da ação do recalque.

Nesse estudo, Freud depara-se com o enigma das complexas funções da memória de "esquecer" e de "reter" e considera que ambas se referem a uma falha do processo de recordar e, por mais paradoxal que pareça, encontram-se interligadas, pois na medida em que a memória deveria cumprir sua função de lembrar o que foi experienciado, reproduz outra lembrança, substituta da primeira.

A introdução das "lembranças encobridoras" na dinâmica psicanalítica possibilita investigar um dos mais importantes enigmas do psiquismo humano: o esquecimento que os adultos têm de sua própria infância. A suposição de que as experiências vivenciadas nos primórdios da infância não possuem registros mnêmicos reais e efetivos e só podem ser significadas em elaborações posteriores, abre um caminho para articular a relação da memória com os processos primários e secundários. As chamadas "lembranças encobridoras" passam a ser equivalentes às próprias recordações da infância, na medida em que se trata daquilo que é possível lembrar. Freud estende essa analogia ontogenética às lembranças da infância dos povos, passíveis de serem compreendidas em suas sagas, lendas e mitos. Os primeiros traços mnêmicos da experiência infantil não desaparecem, contudo só podem ser elaborados *a posteriori* por meio da linguagem em função das exigências das forças psíquicas posteriores. Essa perspectiva aproxima a ontogênese da filogênese⁵⁰. Os contos de fadas que tanto afetam as crianças são também compreendidos como "lembranças encobridoras" e esse vínculo tão estreito entre experiência vivida e simbolismo literário fica bem patente na observação do comportamento infantil diante desses textos. As crianças

⁵⁰ NAT: Esse tema é aprofundado no terceiro capítulo desta tese.

produzem uma luta pelo significado⁵¹ do roteiro desses textos que, se alterados pelo adulto numa contação de histórias, por exemplo, gera muita angústia e resistência por parte destas. O mesmo acontece com um grupo de pessoas que compartilham uma mesma crença religiosa e que se indignam diante dos questionamentos e mudanças na leitura dos seus mitos da criação do mundo. Basta observar os protestos de obras como o filme "Je Vous Salue, Marie"⁵² e "Versos Satânicos"⁵³, por exemplo, diante das comunidades cristãs e islâmicas. A arte, o psiquismo individual e o coletivo estão muito mais próximos do que se supõe, e o elo que os une é a fantasia.

Freud deixa bem marcado que o esquecimento está ligado a uma função de desprazer. Esquece-se, porque a lembrança nos causa desprazer. Os afetos podem estar ligados à memória provocando situações de desprazer. Há uma analogia com a fisiologia, relacionando o empenho defensivo do esquecer e de evitar o desprazer como uma manifestação comparável ao reflexo de fuga em presença de estímulos que provoquem dor. Em seu artigo sobre a *Gradiva de Jensen* (1908/1909), declara que ninguém esquece algo sem uma razão secreta ou um motivo oculto.

O valor das lembranças encobridoras retorna ao longo da obra freudiana, com a perspectiva de não representar somente algo que foi esquecido, mas sim a totalidade do que é

⁵¹ NAT: Termo denominado por Bruno Bettelheim em seu livro "A *psicanálise dos contos de fadas*", para designar a resistência infantil diante das mudanças do enredo dos contos de fadas. (s/d, 2002). Este tema é discutido no segundo capítulo desta tese.

⁵² J NAT: Jean-Luc Godard (1985).

⁵³ NAT: Salman Rushdie (*The Satanic Verses*/1988).

essencial⁵⁴. Repensando suas questões sobre a origem de marcas inscritas em momentos muito precoces da vida e que não há como compreendê-las, Freud (1914)⁵⁵ se encontra diante do desafio de decifrá-las. E esse se constitui como um dos enigmas fundamentais da psicanálise, em toda sua dimensão clínica. Como elaborar esses traços mnêmicos traumáticos experienciados em momentos muito primitivos da história de um indivíduo que não tem acesso à representação? Um dos caminhos indica que essas recordações reprimidas, quando não elaboradas, tendem a se repetir em atos.⁵⁶ O outro se dirige no sentido de compreender os mistérios das fantasias originárias⁵⁷

Com relação à tendência a repetir em atos (*atuação/acting out*) o que não pode ser elaborado, compreende-se que estas recordações são de tal forma reprimidas que geram uma tendência a constituir-se como uma compulsão à repetição⁵⁸. O indivíduo repete aquilo que foi marcado como uma experiência de sua história, no qual manteve-se fixado e do qual não tem consciência. E essa compulsão à repetição é a forma pela qual o indivíduo é capaz de recordar. Recordar, repetindo.

O indivíduo repete consigo mesmo, com o seu meio e na transferência com o analista. Repetição inconsciente, mas marcada e expressa regularmente na atitude cotidiana para com as situações de vida. Repetição daquilo que não é capaz de se dar conta. Atitudes expressadas por ele próprio que gera respostas do mundo quase previsíveis e recorrentes, o

⁵⁴ Artigo "Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)" (1914)

⁵⁵ Artigo "Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)" (1914)

⁵⁶ NAT: Ao que Freud chamou *acts it out*

⁵⁷ Artigo "A história de uma neurose infantil" (*O Homem dos Lobos*) (1918[1914]).

⁵⁸ NAT: Este termo: *compulsão à repetição* aparece pela primeira vez nesse artigo 'Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)' (1914), contudo a tendência a colocar em ato o que não pode ser lembrado já havia sido descrito por Freud, desde 1905, em sua análise de Dora.

que faz com que, na grande maioria das vezes, ele atribua ao mundo externo aquilo que ele próprio incentiva, inconscientemente. E quanto maior a resistência, interna ou externa, mais intensamente a atuação substituirá o recordar.

Durante a análise, o indivíduo tende a repetir seus sintomas, e o analista deve compreender que nesta repetição está implicitamente presente sua forma de recordar, de trazer à tona as lembranças submetidas às resistências. Torna-se uma das funções do analista ser capaz de observar e interpretar de forma gradual essas manifestações que o indivíduo produz diante do mundo e até diante do seu analista sob transferência. Ajudá-lo a compreender que ele o faz, mesmo sem sabê-lo conscientemente é um dos primeiros caminhos para romper as barreiras da resistência e buscar uma retificação, em que o indivíduo possa se ver implicado nos atos que repete em suas relações.

A fantasia se coloca de forma ampla sob a condição de repetição. Primeiramente, como fantasia inconsciente constituída em formas de agir que tendem a colocar em atos situações experimentadas na infância e submetidas ao recalque. Segundo, como fantasia projetada para o ambiente que lhe parece reagir sempre da mesma forma com ele, sem que perceba que as reações são resultantes de suas próprias ações. Fantasia que se dirige também ao próprio analista, sob a forma de transferência, tentando repetir e encontrar na análise as mesmas reações geradas por suas atitudes. Para o analista uma das grandes artes de sua técnica está em ser capaz de acolher essa fantasia dirigida a ele e ir se deslocando gradualmente deste lugar que lhe é outorgado pelo indivíduo, possibilitando-o desvelar e abandonar, apesar das resistências, suas fantasias tão assertivas e confirmatórias de uma realidade psíquica que lhe foi imposta pela sua história, como determinante único de seu

destino e de seu Eu. Considera-se esse o maior desafio do analista: desmontar o sintoma em busca de novas formas criativas do exercício do Eu. Traduzindo-se em termos de fantasia, trata-se de desfazer uma crença de si e do mundo para construir outra, sempre de acordo com o princípio da realização de desejo, da qual não se pode escapar. Enfim, se trata de trocar uma fantasia mais repressora por outras que lhe permitam expressar de forma mais abrangente seus afetos e sua forma de estar no mundo. A fantasia que reprime pode se transformar em criativa. Assim, cumpre-se o destino da sublimação criativa.

O analista não deve focalizar essas repetições somente como processos vinculados ao passado, mas sim como forças atuantes na vida presente do indivíduo e sobre as quais ele tem de agir para modificá-las, na medida em que seu sofrimento é de uma experiência real vivida em tempo presente.

Porém, o trabalho psicanalítico começa a demonstrar que algumas compulsões à repetição apresentam barreiras intensas, em que os indivíduos resistem obstinadamente a abrir mão dos seus sintomas. Diante de tal dificuldade no caminho clínico, Freud (1920) inclui uma nova origem a essas repetições para além das lembranças encobridoras, e que se constitui numa compulsão à repetição independente, uma pulsão paralela ao Eros com uma tendência a cessar o desprazer, baseada no princípio de inércia: a pulsão de morte⁵⁹. E, ainda assim, mesmo sob a égide de uma tendência original e independente, e a que todo organismo vivo tende a cumprir seu destino de cessar o desprazer, a fantasia será a forma pela qual essa força ganhará seus contornos.

⁵⁹ Artigo "Além do Princípio do Prazer" (1920).

Esta construção teórica é analisada mais adiante.

Dora, fantasias e transferência

No artigo da análise de Dora (1905[1901])⁶⁰, Freud reafirma a concepção de que o sonho é um dos desvios, pelos quais o recalque pode ser evitado, tratando-se de um dos principais recursos da chamada *figuração indireta no interior do psiquismo* (EA,1905[1901]/2005:15)

Durante a descrição da análise de Dora, Freud chama a atenção para um mecanismo psíquico que tem muita dificuldade de elucidar e que é muito importante para o estudo das neuroses, que se trata da inversão de afeto ou seja, como é que o prazer se transforma em desprazer?⁶¹

Outra pergunta dentre as mais freqüentes sobre a histeria, mas que se estende à análise da relação entre o somático e o psíquico coloca a questão da origem dos sintomas entre esses dois pólos. Freud responde que *até onde lhe é possível ver* (ibid:37) há uma participação solidária de ambos. A submissão somática que se expressa corporalmente (ou relacionada ao corpo) pode estar vinculada a processos normais ou patológicos. No caso de repetição do mesmo sintoma encontra-se uma histeria. O fator de repetição requer uma intencionalidade psíquica, um sentido que é emprestado ao sintoma histérico, que busca expressar-se por essa via em virtude do recalque e podendo apresentar-se sob diversas formas, dependendo da natureza dos pensamentos.

⁶⁰ Artigo "*Fragmento de Análise de uma Caso de Histeria*" (1905[1901]).

⁶¹ NAT: Em nota de rodapé, Strachey, J. (1953/2005:27) assinala que esta seria uma das questões mais presentes para Freud e que o acompanharia ao longo de sua obra.

Na seqüência, Freud estabelece a relação da doença com seus ganhos primários e secundários, ao que ele chamaria de fuga para a doença. Algumas doenças são dirigidas a alguma pessoa e desaparecem quando esta se afasta. São resultados da intenção, como por exemplo, muito comum, das crianças adoecerem para ganharem o afeto e a atenção de seus pais.

Apesar de já ter colocado a questão da etiologia sexual nos sintomas histéricos, Freud, pela primeira vez formula - como universal - que um sintoma significa a representação, a realização de uma fantasia de conteúdo sexual. Retifica-se, logo após, ao ressaltar que "melhor dizendo, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual...mas que nenhuma limitação desta ordem se impõe ao conteúdo de seus outros significados" (EA,1905[1901]/2005: 42).

Afetado por seus estudos sobre a sexualidade infantil, Freud começa a inserir a importância da cultura influenciando a natureza das neuroses e perversões e, com essa compreensão, passa a desvendar um dos mais importantes enigmas da constituição do psiquismo. Em princípio, analisa a contextualização dos sintomas de acordo com cada período sócio-histórico, por exemplo, o que para a sociedade vienense era considerado perversão - tal qual o amor sexual entre os homens - em outras culturas como a grega, que segundo seu julgamento era muito superior àquela, não só cultivada como considerada "digna de importantes funções sociais" (ibid: 45).

Em seguida, estabelece o conceito de perversão como não equivalente ao sentido patético de *bestialidades e degenerações* (ibid:45) , mas sim ao caráter transgressivo de certas condutas da função sexual em relação ao próprio corpo e ao objeto sexual. Subvertendo a noção da natureza da sexualidade e sua expressão na vida adulta, Freud afirma que, em sua origem, aquilo a que chama de perversões é a expressão da disposição sexual indiferenciada das crianças. Diante do sufocamento dessas forças pode emergir um redirecionamento para metas não sexuais por meio da sublimação, produzindo atividade cultural. O desenvolvimento da criança parece ter de seguir um rumo visando à inibição dessas disposições que, no caso de não ocorrer, revelam o caráter perverso do psiquismo em sua forma ulterior. Ou seja, ninguém se torna perverso; continua a sê-lo.

Os psiconeuróticos são aqueles cujo recalque incide sobre essas forças primárias, tornando-as inconscientes durante o desenvolvimento. As inclinações perversas estão presentes na base do psiquismo e constituem-se como fantasias inconscientes na formação das psiconeuroses. O psiconeurótico fantasia o que o perverso realiza. Assim, compreende-se que a psiconeurose é o negativo da perversão. E o "não" não existe no inconsciente, ele é um produto do recalque.

Nas fantasias e nos sintomas histéricos não é necessário que os diferentes significados dos sintomas sejam compatíveis entre si e se organizem num todo articulado, basta que este todo seja constituído pelo tema que deu origem a essas fantasias.

Freud relata, em nota de rodapé (EA,1905[1901]/2005:88) que os sintomas de Dora se organizavam em torno, inicialmente, de uma fantasia de vingança e, em segundo lugar

sobre uma fantasia de defloração. Ambas emergem nos sonhos, mas, como foi citado anteriormente, as fantasias não se complementam, mas há elementos de origem sexual presentes neles, o que os torna envoltos por um tema comum. Mais adiante, Freud relata uma terceira fantasia, a da espera de um noivo. E assim segue descrevendo as fantasias de Dora, algumas como complexos que reúnem uma série de outras fantasias produzidas diante da frustração e do fracasso de certos desejos.

Um ataque histérico como uma suposta crise de apendicite de Dora, leva-o a perceber que se trata de uma *fantasia de parto*, reforçando a teoria de que muitos dos sintomas histéricos ao atingirem seu maior grau de desenvolvimento⁶² podem representar uma situação fantasiada da vida sexual, tais como uma cena de comércio sexual, gravidez, parto, etc.

O fim da análise com Dora se efetua por meio de uma interrupção da jovem, quando Freud insistira em interpretar seus sintomas como um afeto não correspondido por Herr K. A primeira interpretação de Freud assinala que um psicanalista que "evoca os mais malignos demônios semidomesticados que habitam o peito humano e procuram combatê-lo, não pode sair incólume desta luta" (EA,1905[1901]/2005:96). Segundo, ainda pensando em Dora, afirma que os neuróticos, quando se vêem frente a uma realização de intenso desejo, buscam evitá-lo. Diante da realidade, se protegem sob o manto da fantasia, o que se pode interpretar como uma defesa contra a insuportabilidade do desejo. Os neuróticos são dominados pela oposição entre a realidade e a fantasia, e que a incapacidade para cumprir a demanda real de amor é um dos traços de caráter mais essenciais da neurose (ibid:96/97).

⁶² NAT: O termo desenvolvimento encontra-se presente nas duas traduções.

No epílogo deste artigo, retoma as questões ligadas à interrupção do tratamento de Dora e se dá conta que o amor de Dora não era dirigido ao Sr K, mas sim a Sra K. Ele não pode perceber isso, porque não tinha ainda estabelecido a importância da corrente homossexual nos neuróticos. Essa ignorância havia provocado algumas interrupções também em outros pacientes. No caso de Dora, ao insistir no amor pelo SR K, Freud reforçou o que seria um aspecto da resistência do analista.

Sobre a transferência, Freud assinala alguns de seus fundamentos mais importantes. Em princípio, descreve-a como recriação das moções (impulsos) e fantasias que, na medida em que avança a análise, vão despertando e tornando-se conscientes. O característico é a substituição de uma pessoa anterior pelo do analista, assim uma série de vivências psíquicas anteriores não são revividas como algo passado, mas sim vinculadas à pessoa do analista (EA,1905[1901]/2005:101).

A transferência deve ser descoberta pelo analista com as poucas pistas oferecidas pelo seu paciente e deve-se ter cuidado para não interpretá-las prematuramente. A cura psicanalítica não cria a transferência, apenas a revela, da mesma forma como faz com outros conteúdos ocultos do psiquismo. Na análise, todos os impulsos são despertados, desde os ternos e amistosos até os hostis. Tornar conscientes estes impulsos transferenciais é objetivo da psicanálise. Longe de ser um obstáculo, a transferência torna-se o mais poderoso aliado do analista.

Quando o paciente não consegue expressar suas fantasias e lembranças no tratamento, ele acaba *atuando*, ou seja, transformando em ato o que está na fantasia.

Ao final do tratamento de Dora com sua interrupção e a elaboração posterior de Freud, constata-se o quanto foi fundamental para o futuro da psicanálise a compreensão da dinâmica da transferência.

Fantasias, pulsão e sexualidade infantil.

Em 1905, Freud⁶³ introduz a formulação da existência de uma sexualidade infantil, em oposição radical ao senso comum da época e, inclusive, revendo as formulações que ele próprio havia proposto anteriormente sobre a idéia da eclosão da sexualidade apenas na puberdade.

Três termos tornam-se necessários ser compreendidos para a descrição desse processo que são a libido⁶⁴, a noção de *objeto sexual* para a pessoa de quem parte a atração e a de *objetivo sexual* para a meta à que a pulsão conduz.

Inicialmente, Freud descreve que, no imaginário popular, há a lenda de que os primeiros seres humanos foram divididos em duas metades - o homem e a mulher - e que visam a se reencontrar no amor. Então, como explicar os casos em que homens desejam outros homens e mulheres desejam outras mulheres?

⁶³ Artigo "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade"(1905).

⁶⁴ NAT: O termo libido foi traduzido para a EA (2005:123) e a SEB (1972:135) do original *Lust*, em alemão seguindo apontamentos do editor James Strachey. Na tradução Imago, Hanns (2004:187) afirma que há uma contradição entre o uso freudiano e o seu uso no idioma alemão. O próprio Freud assinala numa nota de rodapé que, em seu uso psicodinâmico, *Lust* tem um duplo sentido, tanto a sensação da tensão sexual quanto a de satisfação (2005:194) e (1972:218).

Uma série de teorias são expostas para compreender a gênese e a classificação dos tipos de *invertidos* sexuais. Freud desconstrói a idéia predominante de que os *invertidos* sejam uma degeneração. Considera como uma manifestação normal da sexualidade, com importantes funções dentro de determinadas culturas, estando presentes em pessoas com excelente padrão cultural e intelectual e que padrões de masculinidade bem acentuados podem conviver com a *inversão*. Sua classificação primeira (1905), apesar de um pouco primitiva: invertidos absolutos, anfigênicos e ocasionais, já indica diferentes formas de manifestação da homossexualidade. Mais tarde (1920)⁶⁵, sob a sugestão de Ferenczi (1914) denominaria de homoerotismo. Ainda, ao longo dos anos, a questão da homossexualidade constituir-se-ia como um enigma para Freud.

A teoria da bissexualidade, contudo, é marcante nesse contexto. A escolha de um objeto quer seja masculino ou feminino em suas amplas possibilidades está inscrita tanto na infância, quanto nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história (EA,1905[1901]/2005:132).

Outras escolhas de objetos sexuais aparecem, ainda, nesta organização dos desvios com respeito ao objeto sexual como os casos de sexo com crianças (sexualmente imaturas) e com animais como objetos sexuais. Freud destaca que a força da pulsão, diante de um alto grau de necessidade de descarga e que não encontra um objeto apropriado, pode pressionar o indivíduo para a uma escolha de objeto semelhante com a necessidade relativa à pressão

⁶⁵ NAT: Nota de rodapé datada de 1920 acrescentada ao texto de 1905 e referindo-se ao artigo "O *Homoerotismo: Nosologia da Homossexualidade Masculina*" de Sandor Ferenczi(s/d:89), publicado em 1914, mas referente a uma conferência feita num congresso da IPA em 1911 .

exercida sobre o indivíduo com fome. Os impulsos da vida sexual se encontram nas menos dominadas áreas da atividade superior do psiquismo, mesmo em pessoas normais.

"Segundo minha experiência, quem é psiquicamente anormal em algum outro aspecto, por exemplo, o social e o ético, o é regularmente na vida sexual. Contudo, há muitos que são anormais em sua vida sexual, apesar de em todos os outros campos responderem às normas e às leis, tendo passado pelo processo de desenvolvimento da cultura humana, sendo o ponto mais fraco, o da sexualidade" (EA,1905[1901]/2005:135).

Torna-se importante esclarecer que, dentro do conceito "perversão" encontram-se todas as manifestações da sexualidade que transgridem a norma da cópula. Freud estabelece uma série de desvios em relação ao objeto sexual, aos quais chamaria de rudimentos da perversão e perversão, propriamente dita.

Nos rudimentos da perversão Freud destaca os preliminares do ato sexual, como o sexo oral, anal, em outras regiões do corpo e os casos onde o objeto sexual pode representar uma parte do corpo tal como o pé, o cabelo por exemplo, e até por deslocamento um objeto inanimado, análogo aos fetiches dos selvagens que acreditavam estar encarnado em seus deuses; observa-se, então, o fetichismo tanto na história dos povos quanto no desenvolvimento da sexualidade infantil. Sobre fetiche e fantasia, Freud, em nota de rodapé, de 1920, acrescenta que o fetiche é uma "lembrança encobridora", uma eleição determinada constitucionalmente de um retorno a uma fase primitiva do desenvolvimento infantil.

O tocar e o olhar também ganham especial interesse. A visão, que é derivada do tato concorre para algumas das escolhas mais significativas do objeto sexual, em especial

quando se constitui o desenvolvimento da beleza. O ocultamento do corpo, tão diversificado nas culturas, também provoca a curiosidade sexual, procurando revelar o que está escondido.

A sublimação pela arte aponta um dos caminhos mais fortes para o fluxo da sexualidade. O interesse pelos genitais pode ser deslocado pelo corpo como um todo. O "belo" trata-se de um produto da excitação sexual, cuja origem significa "o que estimula sexualmente". A palavra alemã correspondente "*Reiz*"⁶⁶, significa tanto "*estímulo*" quanto "*encantos*" (EA,1905[1901]/2005: 142).

O prazer de olhar se constitui numa perversão quando o ato preparatório suplanta o objetivo sexual normal. Trata-se da escopofilia, por um lado e do exibicionismo, por outro. Ambos são constituintes passivos e ativos do ser olhado e olhar. O exibicionista mostra seus órgãos genitais com o desejo de ter uma visão recíproca dos órgãos genitais de uma outra pessoa. O sadismo e o masoquismo também comparecem no quadro das perversões, consideradas como as mais comuns: o desejo de infligir dor no objeto sexual e seu inverso. Freud considera que ambos caminham juntos, em maior ou menor grau, variando de indivíduo para indivíduo. Descreve como perversão no sadismo a satisfação inteiramente condicionada à humilhação e aos maus tratos do objeto. O masoquismo seria o mesmo, só que de forma passiva, onde a satisfação se condiciona ao sofrimento de dor física ou psíquica em mãos do objeto sexual.

⁶⁶ NAT: Segundo Hanns, *Reiz* tem uma conotação implícita de "uma relação entre a intensidade ou quantidade do estímulo e sua qualidade psíquica de prazer ou desprazer" (PO,2004:187)

Em 1905, Freud descrevia o masoquismo como se surgisse como uma transformação do sadismo⁶⁷. A agressividade emerge com um excesso pulsional, cujo funcionamento econômico Freud busca compreender. Entretanto, sem ter claro como se situam este elemento, prefere supor que no par de opostos presentes no *sadismo* e *masoquismo* encontra-se a oposição entre *masculinidade* e *feminilidade*, que se combinam na bissexualidade de forma mais incisiva do que os mecanismos de agressividade. A esses pares de opostos optou por trabalhar com os termos *atividade* e *passividade*.

A desconstrução das "anormalidades" da vida sexual e o reconhecimento de seus componentes, em maior ou menor grau, na constituição da sexualidade de todos os indivíduos, pode ser considerada como uma das maiores contribuições ao entendimento do psiquismo e de sua relação com os mais diversos tipos de sintomas.

As principais resistências que incidem sobre a sexualidade são provenientes da vergonha, da repugnância, do horror e da dor. Essas resistências são sobrepujadas em situações cujo objetivo sexual se desvia muito do protótipo do ato sexual, tal como estabelecer relações com cadáveres e lambar excrementos, por exemplo. Mesmo nesses casos considerados patológicos, esses indivíduos podem manter na sua vida social um comportamento absolutamente normal. A natureza patológica de uma perversão não estaria, assim, relacionada ao seu conteúdo, mas sim na sua relação com o "normal". Ela estaria vinculada a características de exclusividade e fixação. Quanto mais repulsiva é uma perversão, maior

⁶⁷ NAT: Em 1924, no artigo: "*O problema econômico do masoquismo*", essa postura se modifica com a elaboração de um masoquismo primário ou erógeno (masoquismo feminino e moral) e o sadismo, que não encontra aplicação na vida, retorna sobre o próprio indivíduo, como um masoquismo secundário. (EA.1924/2007:103)

é o grau de contribuição psíquica em sua transformação, mais intenso é o trabalho psíquico como um valor na idealização da pulsão e mais explícita se mostra a onipotência do amor em aberrações como estas.

Em 1915⁶⁸, retomando estas forças da repugnância, da vergonha e da moralidade que atuam como uma barreira ao desenvolvimento sexual, Freud acrescenta o papel do contexto histórico durante a psicogênese da raça humana e das influências externas e educacionais.

Em síntese, ao defender a idéia de que a neurose é o negativo das perversões, Freud instaura a perversão como originária e a neurose como um produto posterior desta, a partir das repressões produzidas pela repugnância, vergonha e moralidade. As causas ontogênicas dessas resistências vão sendo descobertas, gradativamente, com a contribuição da filogênese, do meio social e dos efeitos da educação.

E como as fantasias se vinculam nesses processos? Em nota de Strachey⁶⁹ destaca-se o que Freud formulara até então, quer dizer que nos pervertidos as fantasias conscientes podem tornar-se manifestas em circunstâncias que lhes sejam favoráveis; nos paranóicos suas fantasias temerosas se apresentam em forma de delírios que são projetadas sobre os outros com intenção hostil e nos histéricos se apresentam como fantasias inconscientes que são reveladas por meio dos sintomas. Nas três formas de organização psíquica, as fantasias coincidem em seus conteúdos e até em seus detalhes.

⁶⁸ NAT: Nota de rodapé (E.A 1905:2004:147)

⁶⁹ NAT: Nota do editor James Strachey em 1953 (2004:150/151)

A noção de pulsão sexual veio amadurecendo ao longo das reflexões freudianas. Ela surge na busca de explicar a fonte de onde emergem os impulsos que constituem a atividade sexual e podem aparecer sob a forma de sintomas como representantes substitutos dessa atividade.

"Por 'pulsão' podemos entender, em princípio, nada mais do que um agente representante (*Repräsentanz*) psíquico de uma fonte de estímulos intrasomática em constante fluir; ela se diferencia do 'estímulo' que é produzido por excitações singulares vindas de fora. Assim, 'pulsão' é um dos conceitos que se situam na fronteira entre o anímico e o corporal⁷⁰, entre o psíquico e o físico⁷¹. A hipótese mais simples e óbvia a respeito da natureza das pulsões seria esta: em si não possuem qualidade alguma, mas sim que tem de ser consideradas como uma medida de exigência para o trabalho da vida anímica/psíquica... A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre no interior de um órgão e sua meta imediata consiste em cancelar esse estímulo do órgão." (EA 1905/2004:153).

Trabalhando com as idéias de que há algo de inato na base das perversões em todos os seres humanos e na crença de uma vida sexual normal, Freud assinala três direções para as pulsões. A direção da perversão que se desenvolve até converter-se em atividade sexual real; outra quando experimenta uma sufocação/supressão/recalque insuficiente, donde podem atrair uma parte considerável de energia sexual, como sintomas; e a terceira possibilidade na qual os casos mais favorecidos situados entre as duas primeiras permite, graças a uma restrição eficaz e algum outro processamento/modificação, constituir-se naquilo que se conhece como vida sexual normal. Surge assim, a fórmula que define que a sexualidade dos neuróticos permanece num estado infantil.

A segunda teoria é marcada pela descoberta da sexualidade infantil, algo que nem o próprio Freud conseguia conceber até a presente data (1905). Nos trabalhos anteriores, todas as

⁷⁰ NAT: Tradução da EA(1905/2004:153)

⁷¹ NAT: Tradução da SEB(1905/1972:171)

indicações sobre o surgimento da sexualidade se relacionavam com a irrupção da puberdade. Essa segunda teoria, assim como a primeira, foi sendo acrescida de notas ao longo da obra.

As dúvidas quanto ao fator hereditariedade sempre estiveram presentes na perspectiva freudiana, sendo que em 1915⁷² essa questão ainda se fazia presente, na medida em que buscava compreender o que é que realmente pertence à infância (EA 1905/2004:157) e com a convicção de que pouco se conhecia sobre a sexualidade infantil (ibid:177).

Ele toma para si a autoria e a responsabilidade de ser o primeiro autor a escrever ratificando a existência de uma sexualidade infantil. E se interroga o porquê dela não ter sido descoberta ou descrita antes dele. Começa a situar suas suposições na esfera da amnésia infantil, ou seja, por que as pessoas não se lembram de fatos relacionados à sua infância até o sexto ou oitavo ano de vida. Por que a nossa memória fica tão ofuscada pelas outras atividades da nossa mente, se é exatamente neste período em que nos encontramos mais abertos para captar e receber as impressões do mundo?

A retomada das lembranças infantis nos sintomas dos histéricos coloca a questão de que essas lembranças não desaparecem, mas sim, são reprimidas, afastadas da consciência e, assim, submetidas a uma espécie de amnésia infantil. E é essa amnésia infantil que Freud supõe ser a causa das pessoas não lembrarem das lembranças⁷³ de sua primeira infância.

⁷² NAT: nota de rodapé ao texto de 1905.

⁷³ NAT: *lembrarem das lembranças* soa redundante, entretanto, julgou-se necessário manter essa frase, para que o sentido fosse mais preciso. Freud acrescenta em nota de rodapé de 1924 que havia tentado solucionar

Ao descrever o início dessa sexualidade, situa no recém-nascido um marco originário destas moções sexuais que, no decorrer do desenvolvimento, vão sofrendo diferentes inibições, sendo modificadas pelos avanços do desenvolvimento sexual e por peculiaridades individuais. A observação da sexualidade infantil pode ser constatada por volta do terceiro ou quarto ano de vida. Considera-se haver um desconhecimento de uma sexualidade mais precoce, ou seja, uma impossibilidade em observar os primeiros traços da sexualidade do recém-nato, pelo menos, a princípio⁷⁴.

Retomando as exigências da civilização tais como a repugnância, a vergonha e as imposições dos ideais estéticos e morais, Freud descreve-as como um produto da educação, mas não exclusivamente. Contudo este desenvolvimento poderia ocorrer sem a presença da própria educação, na medida em que são "organicamente determinados e fixados pela hereditariedade" (EA 1905/2004:161). Com essa afirmação, observa-se uma dúvida compreensível para o processo e o período da descoberta entre o que é constituído pelo organismo e pelo meio ambiente. Dúvida, aliás, que se encontra presente em muitos autores contemporâneos, principalmente quando se trata da etiologia das neuroses, por exemplo. Este ponto está melhor estudado no terceiro capítulo desta tese.

essa questão no artigo sobre as "*Lembranças Encobridoras*" que é tema de análise nas primeiras páginas desse capítulo.

⁷⁴NAT: Consideração assinalada pelo autor da tese.

Esses impulsos sexuais infantis não desaparecem e, durante o período de latência, são desviados em direção a fins culturais. A esse desvio, Freud denomina de sublimação⁷⁵. Na medida em que as funções reprodutoras estão postergadas e que os impulsos provenientes de zonas erógenas geram desprazer, torna-se necessário criar diques, forças psíquicas opostas, impulsos reativos para represá-los: a repugnância, a vergonha e a moral.

O início da sexualidade infantil remonta ao sugar prazeroso infantil, como o protótipo do prazer. Trata-se de um período auto-erótico, que se inicia com o prazer provocado na alimentação pela satisfação proveniente do leite morno materno. Em 1915⁷⁶, afirmaria que, nesse início, a atividade sexual está vinculada a funções que atendem à finalidade de autopreservação cuja diferenciação ocorreria mais tarde.

A experiência de satisfação tende a ser repetida já deslocando da necessidade de se alimentar para o prazer do órgão. Um bebê satisfeito ao mamar, acaba por relaxar-se e dorme tranqüilo. Esta imagem sugere a importância do prazer na vida do indivíduo adulto cuja atividade sexual pode proporcionar o relaxar e o dormir, quando se obtém satisfação⁷⁷. Esse chupar sensual absorve completamente o bebê, como pode ser facilmente verificado, levando-o ao sono ou a um tipo de descarga motora parecida com um orgasmo. Os lábios do bebê constituem-se como uma zona erógena e sua tendência a repetir um prazer experimentado, provavelmente pelo seio materno, pode ser revivido com autonomia substituindo-o por uma parte de seu corpo, em geral, o polegar. Esta experiência provocada

⁷⁵ NAT: Em nota de rodapé de 1915, Freud caracteriza essa sublimação como formação reativa. Acrescenta ser importante distinguir ambas conceitualmente e que pode haver sublimação de forma mais simples por meio de outros processos (EA 1905/1915/2004:161).

⁷⁶ Artigo "*À Guisa de Introdução ao Narcisismo*" (EA 1914/2004)

⁷⁷ NAT: Freud levanta a hipótese de que os casos de insônia poderiam ser causados por dificuldade em obter esse prazer e, assim, relaxar e dormir.

pelo sugar remete a uma situação anterior de prazer. O bebê se torna independente do mundo externo, o qual não pode controlar, mas é capaz de obter prazer consigo próprio.

Mas, nem todos os bebês sugam desta maneira, nos diz Freud. Aqueles que persistem neste prazer, tendem a exacerbar o desejo de beijar os outros e a beber e a fumar, enquanto, nos casos de recalque deste prazer pode se desenvolver distúrbios de alimentação, constrictões de garganta e vômitos⁷⁸.

Uma outra parte do corpo pode ser escolhida para obter o prazer de sugar por deslocamento, ao se tocar em alguma parte diferente e sentir prazer neste ponto. Ao estabelecer uma analogia com a histeria, Freud assinala o caráter de deslocamento presente nesta última e a capacidade de substituir uma excitação genital por qualquer parte do corpo.

Em síntese, o objetivo sexual de satisfação é obtido por meio da repetição da experiência de prazer, o qual consiste na presença de um estímulo externo sobre a zona erógena e que remova aquela sensação de desprazer.

A segunda fase do desenvolvimento é a fase anal⁷⁹, na qual a criança percebe que algo que ela produz afeta o ambiente, a partir da retenção e da liberação das fezes; esse processo desempenha um importante papel nas primeiras teorias sexuais infantis, tal qual descrito no

⁷⁸ NAT: Em 1915, Freud passou a atribuir a qualidade de erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos. Nota de rodapé acrescida ao texto de 1905 (EA 1905/2004:167)

⁷⁹ NAT: A construção da organização infantil da libido foi sendo gradualmente construída no obra freudiana. Segundo nota de Strachey ao artigo de 1913, "*A predisposição à neurose obsessiva*", as fases da organização da pulsão podem ser resumidas em: fase auto-erótica (1899/1905); fase narcísico (1909/1911); fase anal-sádica (1913); fase oral (1915) e fase fálica (1923) (EA 2005/1913:335).

caso clínico de Hans, que supõe que os bebês nascem pelo ânus. Freud reconhece o prazer da mucosa anal nos processos de retenção e evacuação e o caráter de erogeneidade do ânus, funcionando como um processo masturbatório.

A ativação das zonas erógenas genitais é possibilitada pelo efeito de satisfação produzido pela micção, em sua passagem pela glândula e pelo clitóris.

A masturbação apresenta-se como um *continuum* submetido a três momentos: a lactância, aos quatro primeiros anos e a puberdade.⁸⁰ A masturbação parece ser o agente ativo da sexualidade infantil e sobre ela repousa toda a constituição da culpa sobre o prazer.

A enurese noturna pode ser considerada como um prolongamento deste prazer erógeno e a poluição noturna como uma manifestação da atividade sexual que se manifesta independente dos componentes ligados à sedução, na medida em que se trata de uma forma interna espontânea. Isto é reexplicado para fortalecer, por um lado, a idéia da compreensão das forças pulsionais presentes em cada criança e, por outro, de deslocar a idéia de sedução como causadora do despertar da sexualidade infantil.

Freud reafirma sua compreensão de que uma satisfação vivenciada com prazer, sempre retorna. Assim, as masturbações posteriores estão relacionadas às experiências anteriores, lembrando das singularidades provocadas tanto pelas causas internas quanto às contingências externas.

⁸⁰ NAT: Esta concepção foi acrescida em 1915 ao texto de 1905 (EA 1905/2005:171)

A disposição perverso polimorfa é outra contribuição extremamente importante para compreender a complexidade da sexualidade humana. Na criança, ainda, em virtude de uma não submissão às forças da repugnância, da vergonha e da moral, observa-se um comportamento sexual próximo ao que pode ser considerado como passível de transgressões. Esta possibilidade de estar aberto a todas essas disposições perverso-polimorfas, pode ser encontrada também nas prostitutas que, de forma infantil, estão disponíveis para exercê-las. Freud sustenta ser esta disposição perverso polimorfa constituinte fundamental e universal da sexualidade humana.

Sobre as pulsões parciais, Freud escreve que o prazer de ver, de se exhibir e da crueldade emergem na criança de forma autônoma, com certa independência das zonas erógenas. A satisfação em expor seu corpo, em especial os genitais e, posteriormente, com o advento gradual da vergonha, a curiosidade em ver os genitais de outros, fazem parte desta disposição perversa. De fato, a presença de um sedutor implica, de alguma forma, maior significação para este prazer. O interesse pelos seus próprios órgãos genitais dá lugar ao interesse pelos órgãos genitais dos colegas. Segundo Freud, o momento de ver os órgãos genitais de outros surge muitas vezes durante a micção e a defecação. O recalque desse prazer em ver, ver-se e ser visto, pode permanecer como uma forte pressão transformando-se em sintoma.

Outro ponto bem importante diz respeito ao surgimento dos componentes cruéis da pulsão sexual. Freud diz que esta é natural no caráter infantil e que o sentimento de piedade se desenvolve relativamente tarde, ou seja, após o sentimento de crueldade.

Crianças que apresentam particular crueldade com animais e com outros colegas parecem expressar uma precoce e intensa atividade sexual proveniente das zonas erógenas. "A ausência da barreira de compaixão traz consigo o perigo de que este vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas resulte indestrutível mais tarde na vida." (EA 1905/2004:175).

A pulsão de saber ou de investigar surge entre os três e os cinco anos. O estudo do caso Hans⁸¹ confirmou para Freud a capacidade que as crianças têm de falar sobre o simbolismo representativo que esses enigmas da vida sexual significam para elas e aponta para a capacidade infantil de escolha de objeto afetivo entre os três e cinco anos.

Em 1905, Freud afirmaria que o primeiro e maior enigma infantil diz respeito à questão das origens. Em 1925⁸², ele admitiria que esse "primeiro" não se aplica às meninas e nem sempre aos meninos. A diferença sexual não seria a primeira, na medida em que os meninos acreditam por um tempo maior, que só existe um único sexo, ou seja, todos têm um pênis porque são iguais a ele. O complexo de castração estaria vinculado à capacidade de a criança organizar a compreensão dessa diferença sexual. Nas suas resoluções conflituosas, o menino pode até mesmo negar a inexistência desse pênis nas mulheres. Introduz-se aqui a questão de uma certa superioridade masculina em construir a noção de que é possuidor de algo que a mulher não tem e não a compreensão de que a mulher não é seu negativo, mas diferente. Por outro lado, na menina se desenvolveria, ao contrário, a inveja pelo que não tem, a saber, o pênis.

⁸¹ Artigo "*Análise de uma fobia de um menino de cinco anos*" (EA 1909/2005).

⁸² NAT: Nota de rodapé (EA 1905/2005:177)

As teorias do nascimento se revelam por meio da curiosidade da criança em tentar desvelar o mistério do aparecimento dos bebês e por que não dizer deles próprios. A criança tenta elaborar essa compreensão com os elementos disponíveis ao seu alcance. Nos contos de fada, a cegonha tenta dar subsídio a esse entendimento infantil, mas tende a fracassar no seu intento. A criança busca interrogar e interrogar-se assim como fez Hans, pensando que os bebês nascem como cocôs. O fato da criança não ter acesso ao papel do esperma e do orifício sexual feminino faz com que esses dados inexplicáveis sejam passíveis de teorização, de compreensão. Por vezes, gera uma capacidade de pensar sozinho, na medida em que a moral e a vergonha a impedem de dialogar sobre estas dúvidas. Diante desse impasse, a criança começa a autonomizar seu pensamento em relação ao adulto. Na medida em que também não consegue por si só, compreender o enigma, pode abandoná-lo ou deixá-lo latente em seus pensamentos. O destino dessa pulsão de saber pode tomar diversos rumos, como o da sublimação e inclusive, o da renúncia de querer saber, dependendo da intensidade do recalque.

Em 1915⁸³, Freud descreve as fases de desenvolvimento da organização sexual. Afirma que, até este momento, destacava dois pontos importantes: o caráter auto-erótico, na medida em que se encontra prazer em alguma parte de seu próprio corpo; e o das desconexões das pulsões parciais que buscam obter satisfação de forma independente. Estabelece, então, a diferenciação das organizações genitais das pré-genitais. As pré-genitais são aquelas que as zonas genitais não atingiram seu caráter hegemônico e são

⁸³ NAT: Freud inclui, em 1915, um subtítulo "*fases do desenvolvimento da organização sexual*" ao capítulo "*Sexualidade Infantil*" (EA 1905/2005:179)

divididas em oral ou canibalesca, pois aqui a nutrição e a atividade sexual ainda não se separaram: o objeto de uma atividade é o da outra, também. A meta é a incorporação do objeto e serve como um protótipo do processo de identificação posterior. A sucção do polegar desvinculada da atividade nutritiva aponta para essa forma de identificação posterior, substituindo o objeto primitivo por outro do próprio corpo.

A segunda fase é a sádico-anal onde as oposições ativas e passivas da vida sexual já se apresentam. A ativa está relacionada à atividade muscular enquanto que a passiva à mucosa erógena do intestino. Em 1923, Freud passa a denominar uma terceira fase de fálica, na qual ocorre uma certa genitalização - na medida em que a criança passa a conceber a presença de um objeto sexual e a convergência das pulsões -; contudo, ainda se diferencia da genital, que é a mais madura, pela capacidade de ela ainda conceber somente uma classe de genitais, os masculinos (EA 1905/2005:181).

Sintetizando até este ponto, Freud estabelece que as fontes da excitação da sexualidade infantil surgem

"como a reprodução de uma satisfação experimentada em conexão com outros processos orgânicos, por uma apropriada estimulação periférica das zonas erógenas e como expressão de algumas "pulsões" cuja origem todavia não compreendemos bem, como a da crueldade e a de ver" (EA 1905/2005:182).

Relacionando reprodução de satisfação com processos terapêuticos, Freud começa a perceber sob qual influência se estabelecem certas práticas terapêuticas como a dos banhos quentes, por exemplo, com seus estímulos térmicos. Reconhece, também, uma produção de excitação sexual produzida por meio dos balanceios mecânicos e ritmados do corpo. Neste

grupo de sensações de prazer, Freud distingue três classes de influências de estímulo: as que atuam sobre o aparato sensorial dos nervos vestibulares, as que atuam sobre a pele e as que atuam sobre partes mais profundas, tais como os músculos e articulações. Relacionando "excitação sexual" e "satisfação" para a existência de excitações prazerosas, busca referir-se aos jogos infantis que causam enorme prazer às crianças, tais como balançar e serem jogadas para cima, que são mecânicos e passivos, e que elas buscam incessantemente repetir.

Esse balanceio pode ser exemplificado no efeito do ninar para dormir, no prazer pelo movimento demonstrado em reproduzir movimentos de trens, carruagens, e mais recentemente em imitar guiar carros de alta velocidade. Essa relação entre carro⁸⁴ e velocidade está relacionada ao caráter sexual do prazer do movimento e da potência em guiar, conduzir esses representantes. Freud descreve que essas vivências são experienciadas por meio da fantasia, e emergem no período anterior à puberdade e, sob recalque, causam enorme desprazer nos adultos, como tonturas, náuseas, ansiedade de viagem etc. Casos observados de agorafobia e perturbações da marcha podem estar relacionados à natureza sexual do prazer do movimento.

Muitas pessoas buscam, na vida adulta, experimentar essas sensações desagradáveis de horror, apreensão ou medo por meio de um mecanismo que as atenua num mundo imaginário da ficção, do teatro e do livro e mais contemporaneamente, do cinema e das experiências sensoriais virtuais como jogos de computador por exemplo.

⁸⁴ NAT: Essa referência a carros é deste autor, na medida em que Freud falava de trens e carruagens.

Freud compreende o jogo infantil como atividade sexual, mas não fica claro pra ele se o movimento passivo é de natureza sexual ou se é o produto de alguma excitação. Entretanto, lutas físicas com colegas podem provocar o despertar dessas primeiras sensações e desse esforço sexual que mais tarde pode ser observado nas disputas verbais. Sobre a educação moderna (1910)⁸⁵, assinala a função do uso dos jogos como um meio para desviar os jovens da atividade sexual, estando o prazer do movimento substituindo o gozo sexual o que também significa voltar a atividade sexual para um dos seus componentes auto-eróticos. Trabalhos intelectuais que exigem um grande esforço da atenção produzem aumento da excitação sexual e, em direção contrária, estados de excitação sexual influem sobre a atenção orientada.

Terminando este segundo ensaio, Freud conclui que, ao que parece, tudo se combina para pôr em movimento o processo de excitação sexual. Um processo, cuja natureza, reconhece ser ainda obscuro nesse momento de sua obra.

As transformações da puberdade

Neste terceiro ensaio sobre a sexualidade, Freud privilegia as questões relacionadas à puberdade sendo que, assim como em outros textos, o tema da fantasia emerge ora explícito e ora implícito.

E esse tem sido o maior desafio desta tese. Não se trata de pesquisar exclusivamente o uso do termo "fantasia" durante a obra, mas sim da compreensão de um conjunto de conceitos

⁸⁵ NAT: Em nota de rodapé acrescida ao texto (EA1905/1910/2004:209)

psicanalíticos que se constituem sobre a idéia de fantasia, implícita ou explicitamente presentes no texto freudiano.

Com a chegada da puberdade, tudo aquilo que se constituía como auto-erótico passa a ter um novo objetivo sexual, agora ligado à primazia das zonas genitais. Aqui, completa-se o ciclo desse desenvolvimento: oral, anal, fálico e genital.

A princípio, emerge a descrição que distingue uma corrente afetiva e uma corrente sexual visando a um objeto e a um objetivo sexual. A corrente sexual, parece estar ligada ao que "resta do florescimento primário infantil da sexualidade" (ibid:189). Essa divisão entre sensual/afetiva⁸⁶ e sexual não será revisitada durante o terceiro ensaio, mas retornará freqüentemente na obra freudiana.

A idéia de desenvolvimento sexual até as formas mais genitais serve, neste princípio, de paradigma para a organização do psiquismo. Observa-se tratar-se de uma referência possível entre a biologia e um padrão de uma meta sexual idealizada baseada na compreensão e observações do comportamento humano e seus sintomas psíquicos. E partindo dessa concepção, Freud passa a considerar, sob uma perspectiva mais ampla⁸⁷ que "*os distúrbios patológicos da vida sexual são, com justiça, inibições do desenvolvimento*" (EA 1905/2004:190).

⁸⁶ NAT: *sensual* na tradução espanhola da Amorrortu e *afetiva* na tradução da Standard Edition Brasileira.

⁸⁷ NAT: Porque até então a inibição do desenvolvimento era exclusiva dos sintomas caracterizados como perversão.

Retomando as explicações para compreender a estimulação sexual e, agora introduzindo o período da puberdade, Freud acrescenta mais informações:

"Os estímulos podem ser alcançados por três caminhos: desde o mundo exterior, por excitação das zonas erógenas que já conhecemos; desde o interior do organismo, seguindo vias que ainda temos que investigar, e desde a vida psíquica, que por sua vez constitui um repositório de impressões externas e um receptor de excitações internas. Pelos três caminhos se provoca o mesmo: um estado que se define como de 'excitação sexual' e se dá a conhecer por duas classes de signos, anímicos e somáticos. O signo anímico consiste em um peculiar sentimento de tensão, de caráter extremamente esforçado⁸⁸; entre os múltiplos signos corporais, se situa primeiramente, uma série de alterações nos genitais, que tem um sentido indubitável: a preparação para o ato sexual (a ereção do membro masculino, a lubrificação da vagina)"(EA 1905/2004:190).

A relação entre tensão desagradável e sentimento de prazer voltam a ser questões para Freud. O paradoxo de uma sensação que é desagradável, podendo também ser vivida como agradável, é tangenciado por Freud, adiando sua, até então, incompreensível explicação. Ainda assim, tenta respondê-la, ao exemplificar, por exemplo, a excitação que uma mulher sente quando tocam seus seios, mas que não pode levar adiante como um ato sexual. Há um aumento de tensão sexual provocado pelo estímulo das mãos com a pele dos seios que, inicialmente gera um prazer, mas se não puder ser satisfeita com a continuação do ato sexual, pode gerar um desprazer pelo aumento da excitação.

Os olhos também são motivo de reflexão na medida em que, sob a condição de ser a zona mais distante do objeto sexual, recebe a estimulação proveniente daquela qualidade a que chamamos de belo quando encontrada neste objeto. Afirma que não é sem propósito que denominamos de "atrações" o encontro destas qualidades no objeto sexual.

⁸⁸ NAT: Na Standard Edition, este termo é traduzido por "uma tensão de natureza extremamente compulsiva" e na edição espanhola da Amorrortu "em *extremo esforzante*". A tradução do texto é de responsabilidade deste autor.

Seguindo nessa reflexão prazer/desprazer/prazer, outra questão muito importante se faz presente: como é que uma experiência de prazer pode requerer uma experiência de um prazer maior ainda?

Com uma forma de pensar ainda marcada pela idéia de normalidade possível da sexualidade como uma meta a ser atingida pela via do desenvolvimento, estabelece que o prazer genital que une o pênis e a vagina num ato de descarga produz o prazer e a diminuição da tensão da libido. Nesta mesma linha de pensamento, distingue o pré-prazer (ou prazer prévio) do prazer final. O primeiro está ligado à satisfação infantil e o segundo à satisfação produzida a partir da puberdade. No prazer final, estão incluídas todas as modalidades do pré-prazer, ou seja, da pulsão sexual infantil.

Uma fixação no prazer prévio pode provocar uma diminuição da descarga no prazer final. Isso acontece, quando, numa específica fase da infância, uma determinada pulsão recebeu grande quantidade de satisfação, fazendo com que um prazer prévio tome o lugar do prazer final. Pode surgir uma compulsão em fixar-se nas fases preliminares do prazer prévio e não dar continuidade à descarga do prazer final, sob a forma genital. E para Freud o perigo está neste pré-prazer⁸⁹.

⁸⁹ NAT: Esse é, por excelência, o modelo de onde Wilhelm Reich partiu para construir sua *Função do Orgasmo* (1942/1975) e a *Análise do Caráter* (1933/com sua conseqüente noção de saúde equivalente ao caráter genital. O perigo para o qual Freud aponta sobre prazer pré-genital é considerado por Wilhem Reich como sintomas e couraças que devem ser desfeitas, via processos de descargas energéticas, visando à retomada de um fluxo energético originário ao qual denomina de *reflexo orgástico*.

Analisando vida sexual infantil e madura, Freud afirma que tanto a sexualidade normal quanto os seus desvios são marcados pelas manifestações infantis da sexualidade. O conceito de libido é redefinido em 1915 e traz em seu conteúdo a diferenciação das forças de autoconservação e as sexuais em sua origem.

"libido como uma força suscetível de variações quantitativas que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual. Com relação a sua particular origem, a diferenciamos da energia que supomos na base dos processos psíquicas, em geral, e lhe conferimos assim, um caráter também qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras classes de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo se diferenciam dos processos da nutrição por uma química particular". (EA 1905/2005:198)

A segunda diferenciação assinala uma libido do Eu ou narcísica e uma libido de objeto⁹⁰. A libido de objeto está voltada para os objetos, compreendidos como representações psíquicas e não como objetos, no sentido comum. Esta libido do objeto dirige a atividade sexual do indivíduo para sua satisfação e extinção parcial e temporária da libido, por meio de fixações, concentrações, abandonos e substituições de objetos. O termo neurose de transferência nos proporciona uma visão dela. Quando é recolhida ao interior por alguma razão, torna-se libido do Eu ou narcísica. Ainda assim, em 1920⁹¹, Freud destaca não ser possível ir muito além deste ponto em relação a libido. Entretanto, sugere que a sua natureza é masculina pelo caráter de atividade e pode ser manifestada tanto em homens quanto em mulheres.

A idéia, de que o encontro de um objeto é na realidade um reencontro, está assegurada pela importância das experiências sexuais infantis e em suas marcas deixadas nas relações

⁹⁰ NAT: Esta diferenciação é acrescida em função das reflexões contidas no texto de 1914 *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*.

⁹¹ NAT: Parágrafo acrescentado ao texto de 1905.(2004:225)

prototípicas amorosas. Este encontro com o objeto, Freud o denomina de "anaclítico" ou de "ligação" em virtude do fato de ser buscado nos protótipos da primitiva infância. Um segundo tipo de relação com o objeto é o "narcísico", que busca o Eu próprio e o reencontra em outros.

As primeiras relações da criança com a(s) pessoa(s) que cuida dela formarão a base sobre a qual se constitui as fontes de satisfação e erotização de seu psiquismo vinculados à experiência de satisfação. A pessoa que cuida da criança (geralmente, a mãe) expressará seus sentimentos amorosos de acordo com a sua própria vida sexual, tomando-a como um objeto que deve ser acariciado, beijado, embalado e, de forma bem clara, "toma-o como um substituto de um objeto sexual de pleno direito" (EA 1905/2004:230).

A qualidade dessa relação amorosa primitiva, que é sexual, tal como compreendida por Freud, será a base sobre a qual constituir-se-á toda uma relação afetiva posterior. Havendo excessos ou carências por parte dos pais, isto se refletirá no comportamento posterior da criança. O mesmo ocorre se a mãe se sentir muito culpada de exercer esses carinhos em seu bebê com medo das próprias sensações amorosas que lhe são dedicadas. Nessa base relacional primitiva, é descrito o protótipo da transmissão das sintomatologias da neurose.

A ansiedade infantil surge pelo medo da perda da pessoa que a ama. As crianças se assustam diante dos estranhos e têm medo do escuro, porque não podem ver quem as protege. O relato do caso de uma criança que dormia sozinha num quarto e pedia a sua tia - situada num outro cômodo da casa - para que falasse com ela, ajudou Freud a perceber a

importância desta presença. Na situação relatada, a tia do menino lhe dizia: Para que falar se você não me vê? Ao que o menino respondia: Não importa, se alguém falar, a luz vem.

Essa ansiedade de separação constituinte do psiquismo faz parte do desenvolvimento infantil. Adultos que se vejam insatisfeitos com sua libido ou sozinhos e separados da pessoa a quem amam, poderão sentir uma ansiedade que os remetem aos medos infantis.

A barreira do incesto surge como um dos fatores que cria um recalque dos sentimentos das pessoas que amou na infância e torna-se um protótipo para a separação amorosa da família e um caminho para investir o seu amor em outras pessoas.

O incesto é anti-social (1915, reforçando texto de 1897) e fundante da civilização⁹². Nesse curso de pensamento é que Freud compreende a importância do Complexo de Édipo como o núcleo da neurose e da grande tarefa de cada indivíduo, em suas histórias, que é a de dominá-lo. Em relação ao incesto, destaca a luta de cada indivíduo para tentar dominar suas tentações, e a frequência com que são transgredidos em suas fantasias e até mesmo na realidade.

Essa primeira escolha de objeto fica registrada como representação, e, diante da busca de reencontrar esse objeto primitivo o jovem tenta encontrar novamente, por meio da fantasia, uma resposta para sua vida sexual que resulta num encontro irrealizável. Supõe-se que essa busca permaneça como um protótipo de satisfação que acompanha todos os indivíduos ao

⁹² Freud em sua Correspondência para Fliess, Rascunho N de 31 de maio de 1897. (1986:253)

longo de sua vida e cujo destino, em grande parte, tende a ser uma renúncia⁹³. A renúncia do objeto prototípico idealizado e que está perdido, perdido para sempre.

As fantasias retornam na puberdade com a pressão exercida pelas novas forças sexuais. Fantasias cujas raízes encontram-se nos vínculos amorosos estabelecidos entre a criança e seus cuidadores⁹⁴. Como uma síntese dos escritos produzidos nesses três ensaios emerge a noção de fantasia como um instrumento que possibilita articular essas reflexões sobre a sexualidade: as chamadas perversões, a sexualidade infantil e a da puberdade. Mais ainda: é considerada como de importância primordial em vários sentidos para a compreensão do psiquismo.

Freud⁹⁵ destaca que o protótipo dessas fantasias que irrompem na puberdade é aquele das que foram abandonadas na infância e que, em muitos casos, já podem se presentificar no final do período de latência.

Sobre a consciência das fantasias, afirma que estas podem manter-se inconscientes no todo ou em parte, dificultando a exatidão do período em que se constituíram.

As fantasias estabelecem as formas nas quais os componentes da libido encontram satisfações. Assim, pode-se situar a sua origem nos primórdios das experiências libidinais de satisfação desempenhando, por suas disposições preliminares, um papel muito importante na origem de diversos sintomas. Na maioria das vezes, as reanimações dessas

⁹³ NAT: Argumento deste autor.

⁹⁴ NAT: Esse acréscimo foi escrito em 1920.

⁹⁵ NAT: Os três parágrafos dessa tese foram descritos em nota de rodapé de 1920.

fantasias prototípicas, sob a influência dos restos diurnos, são as que se manifestam nas fantasias noturnas que se tornam conscientes na qualidade de sonhos.

O caráter de singularidade pela universalidade e de uma certa independência do vivenciado pelos indivíduos introduz a idéia de fantasias que se constituem para além da experiência ontogenética, o que se poderia classificar como fantasias primordiais⁹⁶. Freud destaca entre as fantasias primordiais sexuais que irrompem na puberdade, as de ouvir os pais mantendo relações sexuais, as de ter sido seduzido em tenra idade por alguém que amaram e da ameaça de castração. Outras, de outra ordem, são aquelas nas quais o conteúdo é o de permanecer no ventre materno e/ou das experiências vividas dentro deste. Outra mais diz respeito ao denominado romance familiar, quando o "adolescente reage frente a sua atitude atual diante dos pais e aquela que tinha na infância (EA 1905/2004:206)".

Um dos mais dolorosos e importantes desafios da adolescência é a superação e repúdio dessas fantasias incestuosas da infância, que produzem um desligamento da autoridade dos pais e torna possível a oposição entre a velha e a nova geração, movimento tão importante para o progresso da civilização.

Alguns não conseguem nunca suplantam este estágio e ficam submetidos à autoridade dos pais, como num estágio de fixação num amor infantil. Nesse sentido, não amadurecem e podem desenvolver diversos sintomas como, por exemplo, um repúdio à sexualidade e um

⁹⁶NAT: O termo primordiais aparece no artigo ' *O Caminho da Formação dos Sintomas* ' das Conferências Introdutórias, em que Freud afirmará que "As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade material"(SEB, 1969:371). E as fantasias primordiais descritas são a de sedução, castração e cena primária.

desejo intenso de afeto, concomitantemente, porque estão aprisionadas pelo seu amor infantil pelos pais. Torna-se comum observar pessoas que, quando perdem seus objetos amorosos, retornam a estágios primitivos da infância como um sintoma.

A memória do afeto infantil da criança por quem o cuida (seus pais, na maioria dos casos) é o traço mais importante que se inscreve no indivíduo para a sua escolha de objeto futuro e que passa a ser revivido na puberdade. Por ser o mais importante não significa também que seja o único. Ao final desse artigo (1905/2004), a fantasia parece tomar três rumos diferentes: a perversão, o recalque e a sublimação. A diferenciação entre sexualidade e genitalidade cria um novo e radical campo de estudos para a constituição do psiquismo, e esse caminho somente pode ser viabilizado pelo papel da fantasia.

Fantasia, criação e delírio.

Ciência e psicanálise começam a ser questões bem relevantes nos textos de Freud que reflete sobre o que as aproxima e as distancia⁹⁷.

Em princípio retoma seu conhecimento dos povos primitivos acerca da crença na significação dos sonhos aos quais a ciência se opõe. Assim, como hoje ainda é debatido⁹⁸, Freud rechaça a idéia de que os sonhos sejam somente um produto de nosso mecanismo

⁹⁷ Artigo "O Delírio e os Sonhos na "Gradiva" de W. Jensen"(1907[1906]/2003).

⁹⁸ NAT: Discussão ainda atual e que traz consigo muitos enigmas não resolvidos. Este tema tem sido considerado um dos principais focos de reflexão entre a neurologia, a psiquiatria e a psicanálise. Testemunho disso é o interesse num dos vídeos mais requisitados da Amazon sobre o concorrido *Dream Debate: Freud's Dream Theory is Misguided and Misleading. It Should be Abandoned (O Debate sobre os Sonhos: A teoria de Freud sobre os sonhos é mal orientada e enganosa. Ela deveria ser abandonada)* com a participação de J. Allan Hobson e Mark Solms, na Conference for Consciousness, Universidade do Arizona, USA em 2006.

fisiológico, como grande parte da ciência atesta afirmando não ser um produto do psiquismo, nem ter significado próprio.

A concepção dos antigos de que poderíamos prever o futuro é rechaçada por Freud, dentro do contexto da interpretação simbólica. Por outro lado, essa idéia traz implícita a importância de um dos pontos principais da teoria freudiana dos sonhos que é a de que, sob certo aspecto, o sonho pode vir a ser um guia do futuro na medida em que se trata da realização de um desejo, da busca de algo que se quer obter num plano futuro.

Em princípio, introduz a idéia de questionar o livre arbítrio, na medida em que considera que muitas de nossas decisões são submetidas ao inconsciente, quiçá a sua totalidade. Muito daquilo que denominamos acaso e que consideramos como mera casualidade do destino, muitas vezes está regulado por leis que nossa consciência desconhece.

O uso do termo fantasia pode ser emprestado a muitas soluções para a complexidade e os desafios que nos impõe nosso psiquismo.

Em sua análise do protagonista de Jensen, Freud aponta que as fantasias que povoavam o psiquismo do jovem, nada mais eram do que, em suas origens, um conteúdo esquecido das lembranças infantis, sem que disso ele tivesse consciência. Nesse sentido, a origem das fantasias remonta às lembranças infantis. Esse mecanismo de esquecimento é possível em virtude do processo de recalque que incide sobre essas lembranças.

Freud estabelece uma diferenciação entre a memória e a recalque, demonstrando que o que é recalcado não desaparece da memória, contudo não pode ter acesso irrestrito à consciência, em virtude das imposições dos motivos que geraram o recalque, geralmente de cunho erótico. Entretanto, a pressão do que é recalcado retorna com toda a sua força, quando algum elemento externo assim o provoca, mesmo que, inconscientemente, e, muitas vezes, revestido de outra forma, numa outra linguagem, que não a original.

Enfim, o que foi recalcado retorna, emergindo da própria força repressora, sendo que uma dessas formas, pode-se concluir, é por meio da fantasia. A fantasia cumpre uma função de dar sentido, mesmo que submetido ao recalque, ao conteúdo latente não consciente. Trata-se de um substituto, uma saída, um caminho para essas forças recalçadas. Um dos produtos culturais que Freud destaca para defender a idéia da relação do sonho com conteúdos inconscientes emerge das construções produzidas pelo que ele chama de escritores criativos.

Quando aborda a produção de escritores criativos, Freud expressa que esses autores se situam à frente da ciência. Em outras palavras, antecipam, na arte poética, aquilo que vai ser compreendido pela ciência. Neste contexto, fantasia é um sinônimo de criação. Retrata a capacidade do autor de, mesmo sem ter consciência disso, refletir elementos da realidade. Realidade inconsciente.

Mesmo que o escritor determine que se trata de fantasia, lá estão presentes, em cada um dos personagens e do enredo, as leis, as marcas da história inconsciente daquilo de que se constitui o psiquismo humano.

E o acaso, esse acontecimento que nos parece tão inexplicável, pode muitas vezes ser produto deste saber inconsciente, donde aponta que "a fuga é o instrumento mais seguro para se cair prisioneiro daquilo que se deseja evitar". (EA 1907[1906]/2003). Em função dessas relações estabelecidas entre o saber inconsciente e os eventos externos, o vínculo entre a fantasia e a realidade passa a ser estreitamente próximo. Mas, como prová-lo pelos caminhos da ciência que não aceita as provas subjetivas da existência desse inconsciente?

Freud sugere que o psiquiatra não ignore os caminhos criativos trilhados pelo escritor, na medida em que estes podem guiá-lo a compreender o que parece ser incompreensível. Antecipa-se, neste ponto, o poder que a criação subjetiva exerce na direção da elaboração dos conflitos por meio da arte, inclusive nos delírios.

Particularmente sobre os delírios, esboçam-se pontos importantes na sua relação com as fantasias. Primeiro, Freud assinala uma divisão donde não se apresenta uma ingerência imediata sobre o corpo, mas sim somente como índices psíquicos, o que nos leva a crer numa compreensão onde ocorre uma divisão entre o corpo e o psiquismo. Segundo, a fantasia ocupou toda a primazia psíquica, governando as ações e se constituindo como crença. Crenças, que não se pode deixar de registrá-las, fazem parte de todo arcabouço mitológico, religioso, ideológico e político com os quais se constituem os humanos, também, em seus grupos. Pode-se dizer que as crenças fazem parte de um delírio coletivo, socialmente aceitável. Quando radicalizado, pode chegar aos fundamentalismos que cumprem o supremo objetivo de afirmar sua verdade como universal e único caminho para o exercício existencial da experiência humana, nem que seja necessário negar todas as

diferenças para se afirmar. Nesse sentido, os delírios socialmente aceitáveis se diferenciam dos delírios singulares pelo fato de que os segundos não se tornam coletivos.

Mais além, Freud⁹⁹ retoma esse aspecto da religião, restabelecendo uma conexão entre a neurose obsessiva e as crenças religiosas. Inicialmente, analisa o papel da compulsão para os atos obsessivos que o indivíduo realiza sem entender seu sentido principal que é inconsciente; e encontra tal analogia com os atos cerimoniais e ritualísticos que os indivíduos exercitam nas práticas religiosas, por vezes, compreendendo seu conteúdo simbólico - no caso, os sacerdotes - e, em outras, realizando tais atos sem ascender ao significado simbólico e consciente do mesmo. Mesmo ascendendo ao conteúdo simbólico ritualístico, suas intenções inconscientes permanecem desconhecidas. Como em várias partes de sua obra, Freud aproxima os processos mentais singulares dos processos mentais coletivos, sociais. Tema que será mais aprofundado no terceiro capítulo desta tese.

A noção de sentimento inconsciente de culpa emerge nesse texto para explicar a motivação que domina o indivíduo provocando compulsões e proibições. O inconsciente diz respeito, mais uma vez, ao fato de o indivíduo não ter consciência do porquê deve praticar tais atos. Entretanto, diante da sua percepção interna da tentação de realizar o proibido, surge o medo da punição, gerando angústia. Para evitar o desprazer causado por esta última, o indivíduo cria seus cerimoniais como uma defesa, uma proteção transformada em atos. Como essa pulsão inconsciente não cessa de insistir, o indivíduo se vê repetidamente diante de possíveis fracassos. Em função desses fracassos, seus atos têm de se manter cada vez mais reforçados e, assim, ele os repete incessantemente.

⁹⁹ Artigo "Atos *Obsessivos e Práticas Religiosas* " (1907).

Em seu sentido social, a formação da religião tem como base o recalque às moções pulsionais, por meio da renúncia. Não se podem definir essas moções reprimidas como de caráter eminentemente sexual, pelo menos, a princípio. Tais interdições tendem a estabelecer limites para pulsões egoístas que possam prejudicar a sociedade, mas que, no fim, trata-se de moções de ordem da sexualidade. Os cerimoniais religiosos funcionam de forma a permitir atos que até então estavam interditos e encontram permissão para poderem ser realizados, por um lado, como um casamento autoriza a prática das relações sexuais, ou, de outro, como mecanismo de penitência e expiação dos pecados, por meio de orações e outras formas de libertação da culpa. Provavelmente, estas são as funções dos rituais de passagens em diversas culturas. Articulando os sintomas neuróticos com seus correlatos sociais, Freud "concebe a neurose obsessiva como um correspondente patológico da formação da religião, qualificando a neurose como uma religião individual, e a religião, como uma neurose obsessiva universal" (EA 1907/2003:109). O funcionamento religioso parece tornar-se necessário como base do desenvolvimento da cultura humana, na medida em que promove uma renúncia progressiva das pulsões constitucionais que ativam o prazer primário do Eu.

O inconsciente não pode ser reduzido, exclusivamente, a um produto do recalque, e a obra freudiana vai demonstrar, a partir de 1915¹⁰⁰, que nem tudo que é inconsciente é recalcado. Em outras palavras, emerge um inconsciente que é anterior ao recalque. Articulando a ligação entre as forças psíquicas e os afetos, e sua relação com o recalque, destaca-se a compreensão de que o recalque das idéias ocorre em virtude do recalque dos afetos a elas

¹⁰⁰ Artigo "O Delírio e os Sonhos na "Gradiva" de W. Jensen" (EA 1907[1906]/2003).

associados e que devem ser evitados. Os afetos recalcados somente são perceptíveis por meio das associações com as idéias. E como ficam os conteúdos inconscientes destituídos da linguagem? Essa resposta será mais bem compreendida na segunda tópica freudiana.

Analisando a relação entre fantasia e ciência, Freud estabelece dois marcos que se consideram importantes. O primeiro diz respeito à ignorância da ciência em não reconhecer os processos inconscientes e, nesse sentido, quem ocupa o seu lugar é o escritor criativo. Freud chega mesmo a afirmar que "é a ciência que não resiste à criação do autor"¹⁰¹ (EA 1907[1906] /2003:45).

No segundo, emerge a construção do pensamento científico como um destino possível e conciliatório para as forças distintas que conflitam na mente. Marcadamente, como estando a ciência a serviço do delírio, na medida em que suas motivações seriam inconscientes. Deve-se considerar que este relato diz respeito ao personagem de Hanold na *Gradiva* de Jensen, mas que serve de exemplo para os destinos do funcionamento psíquico.

Relacionando fantasias com os recalques, Freud explica que as fantasias são precursoras dos delírios. Em sua origem e natureza são substitutos e rebentos de lembranças recalçadas que não conseguem atingir a consciência de forma inalterada devido a uma resistência, mas podem ser passíveis de se tornarem conscientes levando em consideração, por meio de alterações e desfigurações, a censura da resistência. Uma vez consumado esse compromisso, essas recordações recalçadas se transformam em fantasias, sobre as quais a

¹⁰¹ NAT: O autor da tese elegeu o termo *autor* como mais apropriado ao texto. Este é o mesmo uso na Standard Edition Brasileira. Na edição espanhola da Amorrortu a tradução é *poeta*

pessoa consciente incorre com facilidade em um mal entendido, isto é, pode compreendê-las no sentido da corrente psíquica dominante.

Refletindo sobre a fonte dos sonhos e delírios, afirma que ambos se originam do recalque e que *"os sonhos são os delírios fisiológicos das pessoas normais"* (EA 1907[1906]/2003:52). O delírio sempre triunfa a cada novo conflito entre o erotismo e a resistência.

Outro adendo muito importante da fantasia diz respeito a situações da vida cotidiana, quando se observam indivíduos muito pressionados pelos impulsos das moções afetivas de forte intensidade que exigem satisfação. A razão é capaz de aceitar idéias absurdas, mesmo que escapem ao domínio da lógica racional, fazendo com que, em várias situações, possam agir quase que como portadores de uma debilidade mental.

A sustentação da idéia da existência de fantasmas, espíritos e almas que retornam, tão presente nas religiões, afetam boa parte das vivências na infância, e muitas vezes é contemplada como convivendo juntas num paradoxo entre a razão e essas práticas espíritas. E naqueles que vivenciam fortes impactos emocionais, não raro retornam a crer na existência desses espíritos, mesmo se na vida consciente, são pessoas céticas e extremamente racionais.

O delírio não é uma farsa, uma mentira. Trata-se de uma produção apoiada na verdade de cada indivíduo e na sua inabalável convicção de fé. Retomando à discussão sobre a crença, podemos encontrar como suas características principais as motivações inconscientes, a

certeza e a fé no que afirma e, nesse sentido, há uma parcela de verdade inconsciente em cada um dos grupos que exercem suas crenças, por meio das identificações.

Os delírios de perseguição estudados em Schreber¹⁰² (1911 [1912]) apontam para a raiz infantil dos conteúdos manifestados. Eles são também criações que buscam reconstruir, de alguma forma, um sentido para o psiquismo.

No caso do objeto da perseguição, observa-se que se trata de uma projeção emocional de grande intensidade sobre uma pessoa que ocupa o lugar de uma outra mais precoce na história de vida do indivíduo, e com a qual ela se identifica. Aquele que num primeiro momento de vida era seu objeto de amor, passa agora a ser o seu objeto de ódio. Mas, qual o motivo para justificar a mudança da qualidade do sentimento e sua irrupção como um delírio? Ou seja, uma fantasia delirante?

Freud descreve que a essência do conteúdo da perseguição é a essência da própria fantasia de desejo (EA 1911-13/2005:45). O mecanismo que ocorre é de uma inversão qualitativa da emoção.¹⁰³ As fantasias geralmente repousam sobre os complexos produzidos no núcleo infantil. No caso da paranóia, Freud estabelece uma afirmação que tende a ser muito contestada por vários de seus seguidores de que, na paranóia masculina, a fantasia repelida é a de um desejo homossexual. Uma manifestação psíquica de profundo sofrimento diante

¹⁰² Artigo "*Sobre um Caso de Paranóia descrito autobiograficamente (Schreber)*".

¹⁰³ NAT: Sob formas mais brandas, pode-se observar esse comportamento projetivo em neuróticos com queixas de estarem sendo seduzidos por outra pessoa, quando na verdade são eles em cuja fantasia repousa os mais profundos desejos eróticos, tornando presente no outro aquilo do que é o real possuidor. Nos casos mais graves, pode-se pensar até em formas neuróticas limítrofes e/ou psicóticas delirantes projetadas para pessoas importantes que lhe perseguem em todos os lugares.

do recalque radical do desejo de amar outro homem¹⁰⁴. Uma fixação pulsional infantil que é posteriormente submetida ao recalque e ao seu conseqüente fracasso, desencadeia esse processo patológico com a irrupção do retorno do recalcado. Estes são os três momentos descritos por Freud como do recalque na paranóia (EA 1911-13/2005:55). O delírio na paranóia é uma criação reativa a uma fantasia homossexual.

O mecanismo de projeção passa a ser mais bem compreendido, não somente em relação à paranóia, mas também aos mais comuns dos sintomas neuróticos expressos na vida cotidiana. Essa compreensão absolutamente notável que Freud pôde descobrir sobre o comportamento humano revela as facetas de muitos sentimentos, desejos e compromissos que são colocados nos outros e no mundo externo, quando na verdade, são produções de nosso próprio psiquismo que mal suportamos, inconscientemente.

A fantasia e a criação merecem mais reflexões. Ao escrever sobre a criação literária dos escritores, observa-se que estes últimos o produzem como um conhecimento, não importando sua fonte. Os autores não têm consciência das leis e propósitos do inconsciente que regem suas produções. A criação é um produto transformado em arte daquilo que o autor vislumbra em sua própria alma, observando suas possibilidades de desenvolvimento, permitindo-lhe a livre expressão sem submetê-la a um sufocamento por uma crítica consciente.

¹⁰⁴NAT: Essas manifestações paranóicas são também muito presentes na clínica, em indivíduos neuróticos. A diferença com a psicose é que, nesta última, a barreira da **fantasia** se rompe em forma delirante.

Em oposição ao psicanalista, que foca sua atenção nos processos mentais alterados nos outros e em seus pacientes, o escritor se ocupa exclusivamente da criação daquilo que o psicanalista só pode observar por meio de outros, em especial das leis que regem o inconsciente. Nesse sentido, é que o escritor pode antecipar a ciência, pois as fantasias que sustentam a criação e os "pensamentos anormais" também são regidas por leis. A arte surge como uma oposição à consciência crítica, e a fantasia, nesse sentido, deve ser tratada como um conhecimento.

Sobre a relação entre corpo e conhecimento, Freud retoma a questão da sexualidade infantil que, embora ignorada ainda por grande parte dos adultos, implica que a criança compreenda aquilo que sente e percebe no seu corpo e no dos outros. Sente, pelas excitações produzidas nos órgãos de prazer que não necessariamente os de reprodução, mas sim naquelas fontes definidas em sua concepção ampla de sexualidade, que se estende para além dos genitais.

A criança, na ignorância sobre a origem dos bebês e da diferença sexual, por exemplo, tem que formular teorias para dar conta dessa compreensão do funcionamento biológico e, para além disso, organizar seus sentimentos e objetos diante da sua capacidade de amar que está presente desde os primeiros dias de vida.

No esclarecimento infantil, sempre há algo não dito que se supõe que a criança não esteja interessada ou preparada para tal informação. Entretanto entende-se¹⁰⁵ que não se trata somente de uma questão de cunho educacional, pois as questões do prazer e do amor são

¹⁰⁵ NAT: o autor da tese

muito difíceis de serem elaboradas pelo próprio adulto (pais, familiares, professores, etc) e assim tornam-se confusas, veladas, truncadas e ambivalentes na transmissão para as crianças, mesmo que inconscientemente. Afora isso, há o fato da moral sexual apontada por Freud que - embora seja negada por muitos profissionais em nossa contemporaneidade - mantém-se presente sob formas muito diversas da Viena do fim do século XIX e início do século XX, exercendo sua função (com outras características) de controle e domínio social por meio do recalque da sexualidade. Há, ainda, uma moral repressiva muito acentuada em diversas comunidades fundamentalistas mundo afora e, por outro lado, uma moral do imperativo do gozo nas sociedades ultracompetitivas, onde a constituição das identificações visam a exacerbar os individualismos narcísicos tensionando e dissociando de forma mais profunda e contundente a relação entre afeto e sexualidade. Se amor e sexo caminham juntos, ou não, não há como negar que cargas afetivas estão sempre presentes, mesmo no imperativo do gozo.

As fantasias infantis constituem-se a partir da elaboração possível com os elementos fornecidos por sua própria investigação da natureza de seu corpo e das informações vindas do mundo exterior, do qual a criança tem que dar conta em sua compreensão de si e do mundo. Faz parte essencial da adaptação¹⁰⁶ do indivíduo a si mesmo e ao mundo, a compreensão de seu ser no mundo. E, na maioria das vezes, a criança elabora psiquicamente com a associação do que sente, percebe e relaciona com linguagem ou não. Este é um terreno fértil para a construção das fantasias infantis sobre a origem da vida, a diferença sexual e a capacidade de amar. Vale lembrar que, embora possa ter informações, ainda lhe é distante uma compreensão vivenciada do funcionamento de uma vida sexual

¹⁰⁶ NAT: adaptação do inadaptável.

adulta, na medida em que suas funções sexuais secundárias ainda encontram-se não desenvolvidas.

Esse tema do surgimento da fantasia como compreensão de uma realidade cuja experiência não acompanha a informação é merecedor de uma importância que extrapola, em muito, as fantasias infantis, conscientes ou não. É intrigante como se formam as construções de realidade produzidas pela razão sem o auxílio da experiência. A produção do conhecimento científico, em última análise, também não seria sob esse aspecto, ela mesmo, uma fantasia?

Sintomas

Freud (1908) rediscute a relação entre fantasia e sintoma buscando aprofundar o tema visando a um maior esclarecimento sobre a dinâmica desse processo.

Retomando suas concepções já discutidas sobre a natureza dos devaneios,¹⁰⁷ busca demonstrar de que forma as fantasias estão presentes em diferentes tipos de estruturas psíquicas.

Na paranóia, observam-se as fantasias delirantes cujos conteúdos remetem a um sentimento de grandeza e aos padecimentos do próprio eu. Nas perversões, pode-se observar a obtenção da satisfação sexual em idéias ou em atos. Nas psiconeuroses, em especial na histeria, as fantasias históricas desempenham um papel muito importante como causa

¹⁰⁷NAT: O tema dos devaneios é abordado no segundo capítulo desta tese.

desses sintomas. Como já foi analisado anteriormente, as fontes comuns e protótipos normais dessas criações da fantasia são os chamados devaneios da juventude, sendo que os sonhos noturnos são produzidos com o mesmo núcleo das fantasias diurnas. Essas últimas aparecem de forma desfigurada e mal compreendidas pela instância consciente. *Deve-se perguntar qual o mecanismo psíquico que interfere nestas duas formas de fantasia, para que gerem resultados diferentes em seu material.*¹⁰⁸

Os ataques histéricos podem ser produzidos pela irrupção involuntária dos devaneios, consciente ou inconscientemente. Se essas fantasias se tornam inconscientes, podem se expressar em forma de sintomas e de ataques, ou seja, de forma patológica.

Freud se depara novamente com a questão de que o inconsciente não é somente fruto do recalque. Refletindo sobre as fantasias, afirma que nem todas foram conscientes um dia e se tornaram inconscientes após o processo do recalque. Há algumas que podem ter sido sempre inconscientes. Contudo essa indagação tem sua resposta adiada.

Partindo da idéia de que as fantasias inconscientes foram já conscientes/sonhos diurnos um dia, trazem consigo elementos mnêmicos, lembranças já vivenciadas como experiência de prazer, vinculadas aos atos sexuais mais primitivos como a masturbação. Estes, originariamente constituídos na ação auto-erótica, elegiam partes do corpo designadas como erógenas; posteriormente se fusionavam com a representação de desejo construída em seu ambiente objetal amoroso e encontravam mecanismos parciais de satisfação, em que esta fantasia culminava.

¹⁰⁸ NAT: grifo do autor da tese.

A renúncia a essa satisfação masturbatória e fantasiosa torna inconsciente essa fantasia outrora consciente. E se o indivíduo não encontra objetos para obter satisfações, cria uma abstinência, não consegue sublimar sua libido, quer dizer, não é capaz de dirigir sua excitação sexual até um alvo superior¹⁰⁹. Diante dessa impossibilidade, brotam as condições necessárias para que a fantasia inconsciente prolifere e se manifeste como um sintoma patológico, pelo menos em parte de seu conteúdo e com toda a pressão de sua ânsia amorosa.

Os sintomas histéricos são, propriamente ditos, as fantasias inconscientes expressas por meio da conversão. E, na medida em que se expressam como sintomas somáticos estão, quase sempre afetados pelo conjunto das mesmas inervações motoras e sensações sexuais, que acompanham a fantasia que, em sua origem, era consciente. Onde a satisfação consciente no perverso obtém gratificação, no histérico transforma-se em sintoma. Na histeria, a fantasia é a origem dos sintomas. Os histéricos que não realizam suas fantasias em sintomas, podem expressar, de forma consciente, encenando situações que gerem atentados, estupros ou atos de agressão sexual. Em síntese, sob a aparência visível dos sintomas, encontram-se as fantasias inconscientes, ocultas, de origem sexual.

A relação da fantasia com o sintoma é bem complexa, não podendo ser estabelecida uma relação biunívoca entre uma fantasia e um sintoma, mas sim entre várias fantasias e o sintoma. Isso não ocorre de forma arbitrária e obedece a leis inconscientes. A natureza dos sintomas histéricos é a realização de uma fantasia inconsciente, de origem sexual.

¹⁰⁹ NAT: "superior" na EA (2003:143) e "elevado" na ESB (1976:165).

Na histeria, o sintoma constrói-se como uma formação de compromisso entre duas moções pulsionais ou afetivas opostas. Enquanto uma delas se esforça em expressar uma das forças pulsionais ou algum dos componentes da constituição sexual, a outra se empenha em sufocá-los. Pode haver na representação do sintoma histérico moções inconscientes não sexuais, mas que não excluem seu significado sexual¹¹⁰.

Sobre a bissexualidade, Freud introduz a idéia de duas fantasias sexuais, uma de caráter masculino e outra de caráter feminino, de tal forma que uma delas sempre corresponderá a uma moção homossexual. A histeria pode constituir-se não somente como produto de uma moção libidinoso e outra repressora, mas tenta responder a essa investidura contraposta reunida nessas fantasias libidinosas: a masculina e a feminina. A histeria passa a ser redefinida como a expressão dessa contraposição entre uma fantasia sexual inconsciente masculina e outra, feminina. E orienta aos psicanalistas que eles devem compreender o significado bissexual de um sintoma para poder lidar com ele.

Diante de tamanha importância da fantasia em todo o psiquismo, não dá para pensar as sublimações, as vicissitudes da pulsão e as formações reativas, tais como a vergonha, a repugnância e a moralidade sem que estes processos estejam acompanhados de uma

¹¹⁰ NAT: Caso clínico do autor da tese: *uma analisanda começou a trazer conteúdos de ordem homossexual referentes a amigos e à sociedade, em geral. Como essa insistência no tema apresentava-se repetidamente, perguntei-lhe se por acaso não estaria incomodando um possível interesse ou até mesmo um desejo homossexual nela mesma. Ela, então me perguntou: "o que foi que você disse?" Eu lhe repeti a frase. Ela me respondeu: "eu não estou ouvindo". Eu disse: "como?" E ela: "Não estou ouvindo nada".*

Essa cliente desenvolveu uma surdez histérica durante quase dois meses. Submeteu-se a todos os exames e nada foi comprovado. Pouco a pouco, sua audição foi sendo retomada. Freud explica que, nesse fenômeno, assim como na perturbação psicogênica da visão (1910) ocorre uma dissociação entre conexões psíquicas dos processos conscientes e inconscientes no ato de ver e de ouvir. São produtos de fortes conflitos pulsionais: os da preservação e os da satisfação.

significação inconsciente representada pela fantasia. Ou qual ideação poderia dar suporte a esses processos?¹¹¹

Diante de tais repressões morais impostas pela civilização, Freud afirma que os homens não são sinceros, de uma forma geral, no que diz respeito aos assuntos ligados à sexualidade. Grosso modo pode se dizer que as relações entre as pessoas são mantidas pelo viés da aparência. O reconhecimento da existência de fantasias inconscientes, pré-conscientes e conscientes que não são comunicadas, salvo em situações bem precisas e protegidas socialmente, parece estabelecer uma estética criativa onde o teatro de interpretação ocorre durante a vida cotidiana¹¹². Sobre a função e o destino da fantasia, Freud¹¹³ (1910[1909]) afirma que há uma estreita vinculação com os ideais culturais exigentes e as repressões constitucionais de cada indivíduo. Diante da incapacidade de atingir tal ideal, ele se depara com a realidade frustrante. Para dar conta dessa condição desprazerosa e insatisfatória, o indivíduo fantasia. E, é nessa fantasia que ele pode gozar e compensa o que não pode atingir na realidade idealizada. A fantasia cumpre mais uma vez a sua função de realização de desejos. Nesse sentido, pode estar mais vinculada a aspectos constitucionais do psiquismo de cada indivíduo ou ao recalque de seus sentimentos.

A busca de realizar o desejo é uma marca fundamental na compreensão do mecanismo psíquico do humano. Algum caminho criativo terá que ser tomado para poder constituir-se como meta econômica e fruição da libido. Diante das fragilidades subjetivas ou de pressões

¹¹¹ NAT: Reflexão do autor da tese.

¹¹²

NAT: Muito interessante é que, nas teorias das metodologias de pesquisas, tanto o pesquisador quanto o entrevistado são denominados, "atores sociais" . E, realmente, o são.

¹¹³ Artigo "*Quinta lição das 5 lições de psicanálise*".

externas bastante intensas, esse caminho pode tomar o rumo dos sintomas por meio de uma regressão da libido. Dois outros caminhos se apresentam nesse encontro do indivíduo com a frustração da não realização de desejos no mundo real: o da criação artística como uma sublimação possibilitando um desvio da neurose e o do isolamento diante da insuportabilidade da convivência com os outros.

O conceito de realidade psíquica fica restrito a uma condição de vida que não encontra uma essência material ou prática. Parece que a realidade prática é um produto sempre vinculado a uma dimensão imaginária social, constituída por padrões morais, éticos e estéticos, de significações diferenciadas em cada contexto sócio-econômico-cultural. A norma dos ideais coletivos parece constituir-se de fantasias sociais que afetam a subjetividade. A esse imaginário social não convém designá-lo como irreal. Como assunto já amplamente discutido, as fantasias têm um conteúdo enraizado no corpo.

No destino da sublimação, a criação artística aparece como um enigma não resolvido pela psicanálise. Muitos criadores das denominadas obras de arte consideram como insatisfatórias suas produções, na medida em que não conseguem realizar exatamente o que haviam idealizado. O artista diante de sua criação experimenta situações de incertezas, dúvidas, ambições, disciplinas, inibições, descasos e angústias que fazem parte da interação entre o indivíduo e o seu produto. A criação artística também pode ser entendida como um destino sublimatório da angústia.